

CORRUPÇÃO No Futebol

Wesley Machado



CORRUPÇÃO

No Futebol

Wesley Machado

“Corrupção no Futebol”
Wesley Machado
Campos dos Goytacazes
Rio de Janeiro
Brasil

Todos os direitos reservados
ao autor Wesley Machado

A reprodução é autorizada
desde que citada a fonte

E-mail: jornalistawesleymachado@gmail.com

Site:

<https://wesleybmachado.wordpress.com/portfolio/literatura/>

Edição: Wesley Machado
Revisão: Wesley Machado e Stemp
Diagramação: Wesley Machado e Stemp
Capa: Stemp
ISBN: 978-65-00-06315-8
Julho de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Wesley Barbosa

Corrupção no futebol [livro eletrônico] / Wesley
Barbosa Machado. -- 1. ed. -- Campos dos Goytacazes,
RJ : Ed. do Autor, 2020.

1 Mb ; PDF

ISBN 978-65-00-06315-8

1. Esporte 2. Futebol - Brasil 3. Futebol -
Práticas de corrupção 4. Jornalismo 5. Publicidade
I. Título.

20-40120

CDD-793.334

Índices para catálogo sistemático:

1. Futebol : Corrupção : Esporte 793.334

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Epígrafe

*“Que nenhum cidadão seja tão opulento
que possa comprar outro, e ninguém seja tão
pobre que seja obrigado a se vender”*

[Jean-Jaques Rousseau em

“Do contrato social” (1762)]

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha esposa Nilcea; às minhas filhas Luiza e Júlia; à minha mãe Ezilane; ao meu pai Fernando, aos meus irmãos Fernanda e Weverthon; a meu avô materno Egenildo; à minha avô paterna Neusa; a meu avô paterno Fernando (em memória); à minha avó materna Eziléa (em memória); e a dois grandes pesquisadores do futebol no Brasil que faleceram em 2019, Professor Gilmar Mascarenhas de Jesus (em memória), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); e Professora Simone Lahud Guedes (em memória), da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Agradecimentos

Agradeço ao professor da UENF, antropólogo Arno Vogel, uma referência para mim em relação à pesquisa sobre futebol no Brasil e que, sempre que possível, tirava um pouco do seu tempo para me ouvir nos encontros casuais no campus da UENF, quando eu cursava o mestrado em Sociologia Política e onde eu levantava algumas questões que ele, de pronto, me elucidava.

Agradeço à minha mãe Ezilane por sempre acreditar em mim e me incentivar em tudo que faço.

Agradeço à equipe da Roda de Conversa sobre Saúde Mental da UENF por me dar força para superar um problema na reta final e me incentivar a não desistir.

Agradeço ao meu irmão Weverthon Barbosa Machado, doutor em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP);

e ao amigo Nelson Luís Motta Goulart, doutor em Sociologia Política na UENF, pelas dicas valiosas.

Agradeço aos colegas do Mestrado e do Doutorado do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política (PPGSP) pelas conversas esclarecedoras sobre nossas pesquisas nas disciplinas que cursamos juntos.

E agradeço ao amigo publicitário Stemp, que aceitou as tarefas de produzir a capa e realizar a co-revisão e a co-diagramação deste livro.

Meu muito obrigado.

Índice

Prefácios 11

Apresentação 21

Introdução24

Capítulo 1 – Futebol, Cultura e Moral

1.1. O futebol e o estudo acadêmico sobre o esporte no Brasil31

1.2. Sociologia moral relacionada ao esporte: um campo aberto para novas pesquisas43

1.3. Percurso da pesquisa52

Capítulo 2 – O Sistema Futebol

2.1. Os três tipos de participantes sociais do futebol 64

2.2. Resultados obtidos76

2.3. Percepções de corrupção no futebol na literatura esportiva 91

2.4. O “FIFAgate”, a “midiatização” e a “hipermercantilização” do futebol 97

Considerações finais 120

Referências

Bibliográficas

Prefácio da 2ª Edição

O futebol é área ideal para a corrupção

****Juca Kfourri***

A intangibilidade de seus preços - quanto vale Lionel Messi? - e a paixão que desperta permitem a manutenção de uma transnacional mafiosa como a Fifa.

Para continuar a ver um jogo de futebol é preciso voltar aos tempos de criança, ou do começo da adolescência.

Fechar os olhos assim que a bola começar a rolar e esquecer tudo que você sabe dos bastidores do ludopédio.

Fiz isso quando a revista Placar desvendava os porões da Loteria Esportiva.

Até torcer contra informações que tínhamos cheguei a torcer.

Desejei que o centroavante do time cujo goleiro estava vendido fizesse mais gols do que o malandro fosse capaz de simular.

A culpa, é claro, não é do futebol. É do ser humano, esse projeto inviável, por ganancioso.

Ouvi de muitos cartolas dos anos 1950/60 que compravam juízes ou adversários, apenas pela alegria de ver seus times vencerem.

Não era bem assim, porque tinha um projeto de poder por trás que acabava revertendo em outros benefícios, pecuniários, inclusive.

Mas, de fato, havia algo de folclórico.

Faz tempo que esse tempo acabou.

O que está em jogo é dinheiro, muito dinheiro, grana, bufunfa, prata. Olhe para o quarteto de ouro da cartolagem nacional: João Havelange, Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero. O que os quatro têm em comum?

Todos presidiram a CBD/CBF e caíram em desgraça, os quatro banidos da FIFA, um preso, outros dois proibidos de sair do Brasil. Terá valido a pena viver nababescamente por muitos anos e acabar assim?

Só perguntando a eles: “Valeu, Marin? Tanto tempo naquela cela gelada nos Estados Unidos e sem falar uma palavra de inglês? Aos quase 90 anos?”. Havelange morreu humilhado, obrigado a cair fora da FIFA e do COI, o Comitê Olímpico Internacional.

Teixeira não pode ir mais para Paris, assim como Del Nero, o Marco Polo que não viaja.

Precisam escolher onde ir, não podem dar sopa por aí, porque são vaiados, xingados de ladrões.

Mesmo assim, se novas oportunidades de delinquir aparecerem, delinquirão, se é que não estão delinquindo, porque, como se sabe, o atual

presidente da CBF, Rogério Caboclo, era o braço direito de Del Nero.

Mas há vergonha maior que ser banido da FIFA?

Ser expulso da família mafiosa?

Porque quando isso acontece, veja bem, você não está sendo castigado porque roubou.

Você está sendo castigado porque roubou mal, porque foi descoberto.

Capisci?

Se não entendeu, entenderá ao terminar a leitura deste livro que tem em mãos, um roteiro claro, didático, para entender como uma das maiores paixões da humanidade é usada para enriquecer quadrilheiros pelo mundo afora.

Wesley Machado virou mestre no tema. Para esclarecê-lo ainda mais. E para deplorá-lo.

**Jornalista*

Prefácio da 1ª Edição

Uma obra para ser ruminada

****Avelino Ferreira***

Esta nova obra do jornalista Wesley Machado, a despeito de tratar de um tema que, por falta de uma divulgação massificada (talvez porque os meios de comunicação de massa estejam envolvidos na trama), qual seja, o da corrupção no futebol, reúne elementos muito interessantes para serem observados e refletidos por aqueles que buscam compreender ou aperfeiçoar seus conhecimentos acerca da sociedade e, por consequência, da moral.

Embora tendo como base uma dissertação de Mestrado para o término de seu curso na UENF, a leitura desta obra é facilitada pelo estilo jornalístico do autor, avesso, como eu, aos ditames rigorosos da Academia, necessários para uma conotação de cientificidade, para

basificar pesquisas, mas desinteressantes para a leitura. Wesley faz de seu dito acadêmico uma versão agradável e de fácil compreensão, permitindo o entendimento do seu dizer por qualquer pessoa, tenha ela dotes acadêmicos ou não.

O tema por ele selecionado, além de sua importância e atualidade, contempla a moral, esfera da cultura que abrange, necessariamente, todos os seres humanos; e, claro, o futebol, esporte universal que, embora criado pelos bretões no final do XIX, só foi realmente popularizado após a II Grande Guerra e há décadas é praticado em todos os países, sendo o mais popular entre todos.

Cada país, cada nação, tem seus esportes favoritos e, muitas vezes, não é o futebol. Todavia, nenhum esporte abarcou o mundo como o futebol. Que também é considerado uma arte, na qual as mãos servem apenas como apoio (afora o atleta defensor do

gol), pois é praticada com os pés, um contraste com a lógica corporal, fisiológica, do ser humano, desde que se tornou um “*homo erectus*” quando, até por instinto, se usa as mãos para praticamente tudo que fazemos.

E foi justamente essa modalidade esportiva que Wesley, torcedor e estudioso do futebol, escolheu para sua dissertação. Porém, seu tema não tem a ver exatamente com o futebol, com a arte proporcionada pelas lendas desse esporte bretão que os brasileiros têm como deles, como Garrincha, Pelé, Zico e os campistas Didi (o Mister Football) e Amarildo, “o Possesso” (substituto de Pelé na Copa de 1962). O autor, neste livro, explora a moral, ou falta dela, no futebol, que teve suas instituições abaladas aqui e alhures com a corrupção investigada e comprovada.

Corrupção no Futebol. Este é o título que escolheu para sua nova obra literária. Temática já bastante explorada, mas nunca devidamente

vulgarizada, massificada, pela grande mídia. Talvez porque muitos dos envolvidos sejam pessoas e instituições “respeitáveis” na sociedade. Forçada pelos fatos jurídicos, incluindo prisões, a mídia relatou o que era público, em nível internacional. Todavia, não da maneira como deveria ou, pelo menos, como desejávamos.

Wesley expõe, de maneira simples, de fácil leitura, com base em uma extensa literatura nacional e universal e, também, em pesquisa de campo, ouvindo pessoas (árbitros, atletas, torcedores), trazendo à tona a percepção geral de que há corrupção no futebol. Por outro lado, nos mostra, também, que não há conhecimento mais aprofundado das pessoas em relação ao assunto. Por isso mesmo, sem dúvida, sua obra se reveste de importância quando a questão da corrupção no futebol não parece interessar aos meios de comunicação de massa. Uma dicotomia, pois futebol é um esporte de massa.

Um trabalho de pesquisa de fôlego, que lembra ao leitor que a FIFA foi criada em 1904 e que um marco da publicação acadêmica sobre futebol no Brasil é de 1974 e de autoria de um alemão, radicado neste território tupiniquim, Anatol Rosenfeld e cujos originais são de 1956. Ou seja, de maneira “mais séria”, a literatura sobre futebol no Brasil é muito recente, haja vista que muitos clubes importantes no país têm 100 anos ou mais e que sempre houve participação do futebol do Brasil em Olimpíadas e Copas do Mundo da modalidade.

Após esse marco de 1974, timidamente, mas sempre crescente, a literatura sobre futebol ganhou importância, chegando a 1982, com um estudo de Roberto Da Matta na coletânea Universo do Futebol e, quase como ápice dessa caminhada, a criação, em 2002, na maior Universidade brasileira e uma das mais importantes do mundo, a USP, da disciplina de Pós-graduação História Sociocultural do Futebol,

pelos professores Flávio de Campos e Hilário Franco Júnior. Finalmente (antes tarde do que nunca) essa arte do povo tem o reconhecimento da Academia. Uma vitória.

E Wesley traz à tona, a partir de um trabalho universitário, mas escrito como jornalista que é, para o público em geral, esta terrível faceta dessa arte que envolve milhões, talvez bilhões de pessoas em todo o mundo, assim como bilhões, talvez trilhões de dólares em todo o mundo. De atletas de clubes pequenos a gigantes europeus, de árbitros de várzea a “juízes” de campeonatos mundiais, de cartolas de federações quase desconhecidas à FIFA, todos, de maneira sintética e esclarecedora, estão nestas páginas que o leitor vai, com certeza, ruminar com prazer pois, ao concluir a leitura, terá muito mais conhecimento do que está por detrás desse esporte/arte que chamamos brasileiro de futebol.

**Jornalista e professor de Filosofia*

Apresentação

Este livro é resultado da pesquisa realizada para a dissertação do mestrado em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) com o título “Sociologia da moral no sistema social do esporte: Estudo das percepções sobre corrupção no futebol”. Sob a perspectiva da sociologia da moral, a partir da categorização das “três morais especiais” definidas por Karl-Heinrich Bette, estudo nesta pesquisa as percepções sobre a corrupção no futebol dos que categorizei como participantes sociais do futebol (jogadores, árbitros, técnicos, membros de comissões técnicas, dirigentes, cronistas esportivos e torcedores). Busco com esta pesquisa compreender, por meio do futebol, o problema da corrupção, um tema tão caro para a sociologia da moral.

O objetivo geral da pesquisa é diferenciar os tipos de percepções sobre a corrupção no futebol. Os objetivos específicos são diferenciar o que os participantes sociais do futebol consideram ou não como corrupção no futebol. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa com a realização de 47 entrevistas semiestruturadas nos anos de 2018 e 2019 por meio de diversas formas de coleta, desde entrevistas presenciais com roteiro pré estabelecido, por formulário do Google Forms e e-mail; passando por envio de perguntas por mensagens no bate papo no Facebook, WhatsApp; até entrevistas em um estádio de futebol, em um bar que exibe jogos de futebol e mediante conversa espontânea com motoristas de aplicativos durante corridas.

Um dos resultados obtidos é que o tipo de corrupção no futebol mais citado pelos entrevistados foi a manipulação de resultados via apostas esportivas. Outro resultado obtido é que

os entrevistados colocam a culpa pela corrupção no futebol sempre no vizinho, demonstrando uma convergência com a teoria das “morais especiais” de Bette, mais especificamente confrontando o discurso da “moral oficial interna”, o que traz a ideia de *fair play*, com a “moral clandestina”, que pode ser considerado o pensamento real de “vencer a qualquer custo”, natural dos esportes, onde podemos observar práticas corruptas.

Introdução

O tema da corrupção é um assunto polêmico e de grande relevância, que ganhou ainda mais importância nos últimos anos no Brasil com a operação que ficou conhecida como “Lava Jato”. A partir da prisão de pessoas que estariam envolvidas em um grande esquema de corrupção, a “Lava Jato”, que teve início em 2014, tomou conta do noticiário nacional. Não vou entrar no mérito do objetivo da “Lava Jato”.

A nova ascensão de uma cruzada contra a corrupção coincide com a explosão em 2015 do escândalo de corrupção no futebol que recebeu a alcunha de “FIFAgate” e que teria envolvido dirigentes brasileiros. Apesar de sua dimensão, o “FIFAgate”, considerado o maior escândalo de corrupção da história do futebol e um dos maiores escândalos de corrupção em geral, não teve a repercussão devida no Brasil,

muito devido ao suposto envolvimento da maior empresa de mídia do país, a Rede Globo de Televisão, que obviamente não deu o destaque que merecia o “FIFAgate”, até porque estaria imbricada na situação.

Pois então neste cenário de maior apelo da abordagem sobre a corrupção e, por outro lado, o surpreendente desconhecimento dos entrevistados da minha pesquisa empírica quanto ao “FIFAgate”, que me deparei com uma questão: As pessoas ouvidas não tinham muito a dizer sobre o “FIFAgate”, mas versavam sobre outros diversos escândalos de corrupção no futebol, no que passei a coletar estes dados das percepções sobre corrupção no futebol dos que depois passei a chamar de participantes sociais do futebol.

Esta dissertação está dividida em apenas dois capítulos. O primeiro capítulo está dividido em três subcapítulos. E o segundo capítulo está dividido em quatro subcapítulos. No primeiro

capítulo, intitulado “Futebol, Cultura e Moral” o Futebol é destacado como objeto de estudo em sua relação com a Cultura, considerando-se o esporte das multidões como patrimônio cultural do país, que apesar de ser um esporte importado da Inglaterra se desenvolveu no Brasil a ponto do Brasil ser considerado o país do futebol.

No subcapítulo “O futebol e o estudo acadêmico sobre o esporte no Brasil” é demonstrado um breve histórico em formato de estado da arte das iniciativas de grupos de pesquisa sobre futebol no Brasil com destaque para algumas produções pioneiras em fins da década de 1970 e início da década de 1980, com a indicação do crescimento da pesquisa sobre futebol no Brasil na década de 1990, o que se intensificou nas duas últimas décadas já no século XXI, mas que pode ainda ser considerado aquém das possibilidades em se considerando a importância do futebol no Brasil, no que podemos voltar à questão da Cultura relacionada

ao Futebol, uma constatação vinculada mais diretamente à Antropologia do Esporte, mas que também é abordada na Sociologia do Esporte.

No subcapítulo “Sociologia moral relacionada ao esporte: um campo aberto para novas pesquisas” é tratado sobre a lacuna existente da sociologia da moral em relação com o esporte, mais especificamente o futebol. Esta lacuna é em parte preenchida por esta dissertação, que busca trazer para o debate a questão da moral em sua vinculação com as percepções sobre corrupção no futebol.

Uma concepção fundamental para minha dissertação foi a teoria das “três morais especiais”, definida pelo sociólogo alemão Karl-Heinrich Bette, que será explicitada num capítulo posterior, o dos resultados obtidos em relação com as percepções dos participantes sociais do futebol, uma categorização desenvolvida por mim e que está apontada no primeiro subcapítulo

do segundo capítulo denominado justamente “Os três tipos de participantes sociais do futebol”.

Retornando ao primeiro capítulo, o terceiro subcapítulo, que tem o título de “Percurso da pesquisa”, título este sugerido pela professora Wania Mesquita, versa sobre as questões metodológicas, como cheguei ao tema e ao desenvolvimento do tema. Como toda pesquisa, a minha trilhou caminhos que fugiram ao meu controle. Eu pensava em pesquisar algo mais específico e teórico. No que incentivado pela professora Luciane Soares, da disciplina de Metodologia Científica, decidi optar por uma pesquisa mais empírica e comecei o trabalho de campo.

Neste trabalho de campo fui literalmente a campo em busca dos meus entrevistados. Os tipos de entrevistados foram definidos em parceria com meu orientador Roberto Dutra: os dirigentes, atletas, técnicos, membros de comissões técnicas, árbitros, torcedores e

cronistas esportivos, que depois foram categorizados em três tipos de participantes sociais do futebol, os participantes diretos, participantes indiretos internos e participantes indiretos externos, exemplificados no subcapítulo que recebeu o título de “Os três tipos de participantes sociais do futebol”.

Como já falei em duas oportunidades deste subcapítulo sobre os participantes sociais do futebol, vou falar sobre o capítulo “Resultados obtidos”, já citado acima, e que traz os tipos de coleta de dados, uma estatística de quantos participantes sociais do futebol de cada tipo foram entrevistados e os termos relacionados a corrupção no futebol citados por esses entrevistados, tudo especificado em três quadros.

O subcapítulo “Percepções de corrupção no futebol na literatura esportiva” traz referências de livros sobre futebol onde os autores abordam a questão da corrupção no futebol. São obras,

por exemplo, de um ex-técnico, como João Saldanha; e um ex-jogador, como Zé Roberto, que tratam do assunto polêmico. A questão da corrupção no futebol que aparece na literatura esportiva vem confirmar os dados coletados junto aos entrevistados na pesquisa empírica.

Por fim o subcapítulo “A ‘mídiação’ e a ‘hipermercantilização’ do futebol” sobre duas questões que interferem na corrupção no futebol e suas conseqüentes percepções, que são a “mídiação”, onde a mídia gera os processos de construção de escândalos; e a “hipermercantilização”, fenômeno que se intensificou a partir do final do século XX e que permitiu a entrada de grandes quantias de dinheiro no futebol, o que resultou em mais corrupção.

Capítulo 1 – Futebol, Cultura e Moral

1.1. O futebol e o estudo acadêmico sobre o esporte no Brasil

“Sei o quanto somos irritantes, o quanto devemos parecer malucos (...) Minha obsessão havia se transformado numa febre de bola.” Assim o autor cult, Nick Hornby, descreve sua paixão pelo futebol no livro “Febre de Bola”, lançado em 1992 com o título original “Fever Pitch”.

O livro é uma ode ao futebol, especialmente ao clube do coração do escritor, o Arsenal da Inglaterra. “Febre de Bola” conta a história da relação de Nick Hornby com o Arsenal e como os destinos do seu time caminham em conjunto com o desenrolar de sua vida em família, na escola, na faculdade, com os amigos e as namoradas.

O futebol pode se diferenciar da religião porque o futebol é um esporte, um jogo, onde os jogadores disputam a bola e têm o objetivo de fazer o gol e ganhar o jogo. Portanto o futebol é algo material que traz com ele elementos espirituais. É onde entra a religiosidade e não a religião. Religiosidade porque as manifestações religiosas associadas ao futebol são demonstrações da importância do futebol para as pessoas que associam suas crenças religiosas às conquistas esportivas do seu clube de futebol.

Mas o futebol se aproxima da religião em relação à emoção que proporciona. O torcedor se torna um fanático capaz de cometer até atos violentos por conta de sua paixão por seu clube do coração. E, assim como acontece com a religião, o futebol é usado por pessoas e grupos que enxergam no futebol e na religião, a possibilidade de ganhar dinheiro com a fé e a paixão das pessoas. O mesmo fenômeno, da mercantilização, acomete a política. Pois então,

futebol, religião e política, a tríade que conforme o dito popular “não se discute” - frase com a qual não concordo, pelo contrário - têm esses problemas, afinal os três causam polêmicas à medida que as pessoas opinam sobre estes assuntos.

O futebol em seus primórdios era um jogo lúdico, que com as regras e profissionalização se tornou um esporte racionalizado. O esporte era secularizado, deu lugar ao sagrado e houve um retorno para a secularização (HELAL, 1990). Veremos mais para o final a questão do futebol cada vez mais afeiçoado ao mercado. Para HUIZINGA (1938, p. 5): “No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa.”

A Copa do Mundo de Futebol, instituída a partir de 1930, fez de um esporte que já se consolidava, algo mais organizado com a criação de um torneio mundial entre seleções de vários

países, tendo como organizadora a FIFA, fundada em 1904 e que passou a capitalizar o esporte com a organização da Copa do Mundo. O futebol já havia sido disputado em uma Olimpíada pela primeira vez em Paris em 1900. O troféu para o time campeão e a medalha para os jogadores vitoriosos é um prêmio ao esforço, comprometimento, talento, eficácia e disposição dos jogadores, técnicos e dirigentes. Para o torcedor fica a emoção do jogo e a alegria da vitória ou a tristeza pela derrota. Um título de campeão dá prestígio a todos esses participantes sociais do futebol que citamos, os jogadores, técnicos, dirigentes e, de certo modo, também os torcedores. O atributo de status está no futebol na chancela de um ser vitorioso, que supera obstáculos, como a meta ou gol e chega ao seu objetivo final, que é ser consagrado.

O futebol é um acontecimento social (ELIAS, 1985, 290). A vitória de um clube de futebol resulta em um poder simbólico

(BOURDIEU, 1989) para este clube de futebol, que assim como na sociedade, galga lugares melhores, como por exemplo na tabela de classificação do campeonato ou, nos campeonatos eliminatórios, conhecidos como mata-mata, o clube de futebol busca avançar o mais longe que puder. Quando um clube de futebol está bem, o torcedor deste time também se sente bem, aumentando sua auto estima de acordo com os resultados do time para o qual torce.

Nos dois exemplos, o campeonato de pontos corridos, quando o que fizer mais pontos é campeão; e no eliminatório (mata-mata), quando quem perde no resultado agregado dos dois jogos (de ida e de volta) é eliminado; o objetivo é ser campeão e conquistar uma taça, que é um prêmio ao esforço físico, mental e ao talento e competência para vencer as adversidades e os adversários que tentam evitar que o clube de futebol alcance seu objetivo e

que, por conseguinte, os torcedores desses clubes de futebol tenham momentos de alegria após os sofrimentos de cada jogo.

A publicação acadêmica sobre futebol no Brasil tem um dos seus marcos iniciais com a versão em Português do ensaio “O futebol no Brasil”, de autoria do crítico alemão radicado no Brasil, Anatol Rosenfeld, e publicado em 1974 no livro-revista *Argumento*. O texto, que havia sido publicado originalmente em 1956 no *Anuário do Instituto Hans Standen (Standen-Jahrbuch)* com o título “*Das Fussballspiel in Brasilien*”, foi republicado em 2013 no livro “Negro, Macumba e Futebol”, da coleção *Debates (Antropologia)* da editora *Perspectiva*.

Em 1982 é publicada a coletânea “Universo do Futebol”, onde Roberto DaMatta considera que o futebol é uma “instituição moderna marcada pelo cosmopolitismo” (DAMATTA, 1982: 21). “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um

modo específico entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982: 21).

Nesta coletânea “Universo do Futebol” está publicado um trabalho que teve como base a dissertação de Mestrado “O Futebol Brasileiro - Instituição Zero”, do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), obtido em 1977 por Simoni Lahud Guedes.

Outra das primeiras pesquisas acadêmicas sobre futebol no Brasil foi a dissertação “Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão” para o mesmo Mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, de Ricardo Benzaquem de Araújo, obtido em 1980.

As pesquisas sobre futebol ganham corpo nas universidades brasileiras na última década

do século XX. Em maio de 1990 é fundado pelo professor Maurício Murad na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) o Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ. O Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ foi responsável pela publicação da revista acadêmica Pesquisa de Campo.

Entre 2002 e 2003, os professores Flávio de Campos e Hilario Franco Júnior criam na Universidade de São Paulo (USP) a disciplina de pós-graduação História Sociocultural do Futebol. Surgem dali o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFCLH) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre o Futebol (GIEF) da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da USP.

Nos anos 2000 são criados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o

Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, fundado em 2006; e o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) da Faculdade de Letras da UFMG, fundado em 2010. Ainda na UFMG destaque para o professor Euclides Couto, do programa de Mestrado em História, que pesquisa sobre sociologia do esporte.

Em 2009, a dissertação de Ana Leticia Padeski Ferreira para o mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, trouxe um estado da arte da produção de artigos científicos sobre Sociologia do Esporte no Brasil de 1997 a 2007, onde destacou “a importância do estudo do esporte como objeto sociológico”.

Ainda em 2009, Sérgio Settani Giglio, junto de Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima e Paulo Miranda Favero, funda o Ludopédio, que se torna o maior portal da

América Latina de produção e divulgação científica sobre futebol. Atualmente somam-se ao time de editores: Marco Lourenço (2011), Max Rocha (2011), Vitor Figols (2015) Marcel Diego Tonini (2018) e Raul Andreucci (2020).

Em 2010, Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari publicam o artigo “A produção das Ciências Humanas sobre Futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009)”, um estado da arte fundamental que esmiúça em detalhes 20 anos da produção acadêmica sobre futebol no Brasil, desde trabalhos sobre Ciências Sociais, História, Geografia, passando por Comunicação, Letras, Psicologia, até Direito, Educação Física e Administração, entre outras áreas do conhecimento. O trabalho foi publicado em 2020 em livro de 800 páginas com o título “O futebol nas ciências humanas no Brasil”.

Desde 2012, a editora 7 Letras vem publicando a Coleção Visão de Campo, com diversos livros de pesquisadores do futebol, com

destaque para Bernardo Borges Buarque de Hollanda, professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV.

Concentramo-nos em destacar as iniciativas do eixo Sudeste, mas registramos que outras iniciativas importantes podem ser observadas ao longo dos anos de Norte a Sul do país.

Sobre corrupção no futebol, além desta pesquisa em tela, que foi apresentada no dia 24 de outubro de 2019 no 43º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em Caxambu-MG, foi apresentada na mesma sessão do Seminário Temático (ST) “Política, mercado e futebol: o futebol como mercado, interações institucionais e a corrupção” a pesquisa “Corrupção política associada ao

futebol: estudo de caso ‘FIFAgate’/2015 e as implicações nos dias de hoje”, de Rodolfo Silva Marques, professor da Universidade da Amazônia (Unama) e coordenador deste ST.

Outras duas pesquisas que foram apresentadas no ST31 da Anpocs citam *en passant* a corrupção no futebol. São elas: “FIFA e Governança Global: atuação a partir da análise do soft power (1990-2015), de Juliano Oliveira Pizarro, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e “A pesquisa acadêmica sobre o futebol brasileiro como Soft Power”, de Rodrigo Nascimento Reis, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Isto mostra que o tema da corrupção no futebol tem crescido no âmbito da sociologia do esporte.

Ainda assim, minha pesquisa é uma das pioneiras no Brasil sobre sociologia da moral relacionada ao esporte e, especificamente, à corrupção no futebol. Na UENF, foi a primeira pesquisa da Pós Graduação do Centro de

Ciências do Homem (CCH) sobre sociologia do futebol. Portanto esta pesquisa tornou-se de grande importância por entrar numa seara ainda incipiente, mas que tem muitos frutos a serem colhidos.

1.2. Sociologia da moral relacionada a esporte: um campo aberto para novas pesquisas

Esta pesquisa não é apenas sobre sociologia do futebol. Envolve, na verdade, o futebol especificamente como objeto da sociologia da corrupção, da moral e do escândalo. Há uma lacuna a ser preenchida na sociologia da moral relacionada à sociologia do futebol. A sociologia da moral é uma ramificação da sociologia geral que precisa ser mais desenvolvida, afinal este é um campo de pesquisa ainda aberto para novas pesquisas. A moral é vida em sociedade e a maneira como

lidamos com a vida em sociedade. E o futebol é um dos acontecimentos sociais que movem nossa vida moral. A sociologia da moral é um campo da sociologia que requer mais estudos acerca dos sentidos das ações e dos comportamentos dos indivíduos nos grupos sociais em que vivem.

“Sociologia da Moral” é o título de um texto de Niklas Luhmann incluído no livro "La moral de la sociedad" (2013), onde o autor escreve uma teoria crítica da moral. Outro texto clássico sobre sociologia da moral é “Ciência da Moral”, de Émile Durkheim, encontrada no livro "Lições de Sociologia", de Durkheim (2002). Durkheim abordou a moral em suas teorias, bem como Luhmann e, na contemporaneidade, Boltanski (1999). HITLIN (2015) fala em uma “nova sociologia da moral”.

A Sociologia, uma ciência generalizante da sociedade, advém e se diferencia funcionalmente (LUHMANN, 2016) da Filosofia,

da História, da Antropologia, da Psicologia, da Economia, da Estatística e da Administração Pública (COLLINS, 2009), mas se define por um foco mais político. BOUDON (1995:59) compara o papel do sociólogo com o do economista. Para o autor, o sociólogo deve explicar enquanto o economista apenas constata. Boudon, portanto, adota uma perspectiva diacrônica, onde a Ciência não é só resolver uma equação, conforme os estudos sincrônicos; mas sim uma previsibilidade, que prevê o falseamento da hipótese.

COLLINS (2009: 47) nos diz que: “A tarefa de Durkheim consistiu em tornar a Sociologia intelectualmente respeitável na comparação com as demais áreas acadêmicas. Ele fez isso articulando sua formação em Filosofia, que o capacitara para fazer generalizações teóricas”, com “a análise de materiais empíricos”, “comparações sistemáticas”, o estabelecimento de “causas e correlações”, a comparação de

“códigos legais”, a observação de “conexões” (COLLINS, 2009: 47). O autor comenta ainda que Durkheim encontrou nas pesquisas de campo dos antropólogos, “material para construir uma teoria geral do simbolismo, dos rituais, da moralidade”. Collins adota uma perspectiva diacrônica, considerando a Sociologia uma “ciência autônoma” (COLLINS, 2009: 47).

A sociedade tem regras que precisam ou deveriam ser respeitadas, por mais que uma parte da sociedade não se enquadre nos que seguem as regras e adote um comportamento desviante, que podemos exemplificar com a corrupção, que é uma categoria moral produzida na sociedade e em seus subsistemas, especialmente na comunicação e na percepção dos atores sobre as formas de interferência de um sistema sobre o outro.

Evidentemente, o ator social, que em seguida vamos especificar chamando-o de participante social do futebol, se coloca contra a

corrupção. A existência do tema da corrupção como algo inerente também ao futebol, como iremos ver, incitada ou não pela escandalização da mídia, já denota que o tema da moral também é importante para o futebol enquanto sistema (prática social recursivamente auto-organizada) e enquanto objeto da sociologia. Uma incongruência, afinal se, como os próprios entrevistados afirmam, a corrupção faz parte da sociedade, da qual faz parte o esporte e, por conseguinte, o futebol, porque a corrupção é negada no discurso, embora seja afirmada como uma prática inevitável? O objetivo aqui é descrever e interpretar sociologicamente como o discurso que reconhece a existência da corrupção se desacopla de certo modo das práticas, especialmente pela não identificação, pelos atores entrevistados, de suas práticas como envolvidas por corrupção, externalizando o problema para o “sistema”.

Não há dados sobre pessoas que se declaram corruptas. Até porque a corrupção é um crime e as pessoas não devem produzir provas contra si próprias e não iriam assumir a prática de um crime. O que há de concreto sobre corrupção é o Índice de Percepção da Corrupção (IPC), que a Transparência Internacional, no Brasil por meio da Fundação Getúlio Vargas (FGV), utiliza como ferramenta para medir a corrupção. A partir deste dado, do IPC, decidi então estudar a percepção dos participantes sociais do futebol sobre a corrupção no futebol.

No dia 23 de janeiro de 2020 foi divulgado que o Brasil caiu, pelo 5º ano consecutivo, no “Ranking da Corrupção” da Transparência Internacional, medido com base no IPC e consubstanciado por pesquisas do Banco Mundial, do Fórum Econômico Mundial e da publicação britânica The Economist. O ranking é relativo ao ano anterior, 2019; e o Brasil ficou na 106ª posição no IPC, que é a mais antiga e mais

abrangente ferramenta do mundo para o monitoramento da percepção de corrupção.

A corrupção pode ser definida como um comportamento desviante derivado da desobediência às regras da sociedade, uma vantagem, que pode ser financeira, política, etc, de um ator sobre outro, de uma equipe de futebol sobre outra. No processo de construção social da corrupção, por meio sobretudo de escândalos noticiados e abordados pelos meios de comunicação de massa, vantagens baseadas no uso do dinheiro e do poder político são seletivamente publicizadas e transformadas em patologias morais (LUHMANN, 2016). Mas como os comportamentos desviantes são percebidos? E quais comportamentos são percebidos como desviantes? A corrupção existe quando os sistemas sociais assim as percebem, quando atores comunicam e assim constroem a corrupção. A corrupção na sociedade é um defeito moral não só dos países periféricos, bem

como dos países do centro (SOUZA, 2013). A corrupção é socialmente construída quando recursos de um sistema funcional são percebidos pelo sistema corrompido como determinantes para suas operações. Os sistemas funcionais não estão determinados por nada a não ser pela sua própria lógica. (LUHMANN, 2006) Mas eles sofrem interferências do ambiente através de acoplamentos estruturais formais ou informais. A corrupção é construída a partir das percepções dos atores dos sistemas sociais, que percebem a corrupção por meio de comunicações públicas da imprensa sobre determinadas interferências nas práticas de um sistema social. Estes atores comunicam estas percepções de corrupção e assim constroem socialmente a corrupção.

Cada sociedade tem uma maneira particular de perceber a corrupção. Na Idade Média, a corrupção era uma estrutura já dada pela natureza, quando um ser se desenvolvia contrário à natureza por meio dos estamentos

(WEBER, 1982). Na Modernidade a corrupção tem um funcionamento diferente. A corrupção pode ser definida como uma vantagem indevida, fora do normal, com valores corrompidos. E isto é percebido por meio de um alarme moral ativo e intenso evidenciado pelos meios de comunicação, que assumem uma postura de escândalo (BAYLE, E & RAYNER, 2016). Para compreender um escândalo de corrupção, deve-se compreender o processo pelo qual foi descoberto e publicizado o escândalo (BAYLE, E & RAYNER, 2016). O escândalo só se torna escândalo à medida que é comunicado como tal. E depende do receptor, que recebe a comunicação, assimilar que o que é tratado como escândalo e o que não é. Para Luhmann (2016), a comunicação moral produz a corrupção, por meio dos escândalos.

1.3. Percurso da pesquisa

O tema da corrupção no futebol surgiu para mim a partir da repercussão do escândalo de corrupção que ficou conhecido como “FIFAgate”, o mais grave escândalo da história da Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) (BAYLE, E & RAYNER, H., 2016), deflagrado em 2015 e que resultou na prisão de dirigentes esportivos sul-americanos, entre eles o ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin.

Um exemplo de como a moral é incorporada na sociedade é que no caso da prisão dos dirigentes esportivos envolvidos no esquema de corrupção “FIFAgate”, eles foram cobertos por um lençol ao saírem presos do hotel em que estavam hospedados na Suíça para o Congresso Anual da FIFA. Os dirigentes tinham prestígio e, pela visão dos que os acobertaram literalmente, não poderiam ser vistos presos à

medida que a divulgação da imagem destes sendo levados pela polícia causaria constrangimento à suas honras e diminuição de suas credibilidades.

A partir da repercussão do caso “FIFAgate”, comecei em 2018 a pesquisa empírica com participantes sociais do futebol (jogadores, árbitros, técnicos, membros de comissões técnicas, dirigentes, cronistas esportivos e torcedores). Estes participantes dos grupos sociais do futebol responderam perguntas sobre se consideravam que havia corrupção no futebol, se tinham conhecimento sobre algum caso de corrupção no futebol, sobre se tinham conhecimento do caso “FIFAgate”, sobre se consideravam que a corrupção no futebol era uma particularidade do Brasil e dos países periféricos ou se a corrupção no futebol também podia ser observada nos países do centro (WALLERSTEIN, 2012), sobre se a relação deles com o futebol havia mudado e como havia ficado

após a descoberta de escândalos de corrupção no futebol e sobre como ficavam sabendo de escândalos de corrupção no futebol.

Essas questões são importantes porque, em hipótese, influenciam a percepção dos participantes sociais do futebol sobre a corrupção no futebol. Outra hipótese é que a diferença centro periferia importa para a relação prática dos participantes sociais do futebol com o esporte. O “FIFAgate”, que serviu de mote para induzir o tema da corrupção no futebol, é um exemplo de “escandalização”, que ao contrário da hipótese para a qual se apontava, foi percebida por menos de 50% dos participantes sociais do futebol entrevistados.

Mas diante de muitas respostas que revelaram que muitos entrevistados desconheciam o caso “FIFAgate”, passei a me concentrar no que os entrevistados tinham a dizer sobre a corrupção no futebol, afinal apenas um entrevistado não respondeu a pergunta sobre

se consideravam que existia corrupção no futebol, no que todos os outros entrevistados foram incisivos em afirmar que a corrupção no futebol existe sim. Portanto, a pesquisa se concentrou em observar, sob a perspectiva da sociologia da moral, as percepções dos participantes sociais do futebol sobre a corrupção no futebol.

Portanto foi o campo da pesquisa, o contato e as respostas dos participantes sociais do futebol entrevistados que direcionaram o caminho por onde eu comecei a trilhar com as percepções sobre corrupção no futebol. O percurso da pesquisa começou na disciplina de Metodologia Científica ministrada pela professora Luciane Soares, quando foi passada uma atividade onde eu teria de entrevistar três pessoas sobre o meu tema de pesquisa. No que meu orientador Roberto Dutra teve a ideia de eu entrevistar um dirigente, um atleta e um torcedor. Depois o próprio meu orientador Roberto indicou

o acréscimo dos árbitros como entrevistados. E eu abri o campo de entrevistados para os técnicos e membros de comissões técnicas.

Jean Poupart afirma: "A entrevista de tipo qualitativo se imporia entre as 'ferramentas de informação' capazes de elucidar as realidades sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores" (POUPART, 2008: 216)

E continua:

"O uso dos métodos qualitativos e da entrevista, em particular, foi e ainda hoje é tido como um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades. As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais. A entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como

instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações". (POUPART, 2008: 216-217)

Por fim, o autor diz que: "Além de suas próprias interpretações, o pesquisador se encontra, portanto, diante não de uma, mas de várias interpretações de uma mesma realidade, já que cada pessoa ou grupo é capaz de dar uma interpretação diferente sobre ela". (POUPART, 2008: 218)

Mais à frente vou especificar estes entrevistados como participantes sociais do futebol, uma categoria que criei com base em uma teoria e a partir de um conhecimento prévio sobre o futebol e seus atores sociais, que participam direta e indiretamente do campo de jogo e tudo o que envolve o esporte mais popular do mundo. Cada entrevistado deste tem uma

participação específica no futebol e pode falar mediante sua experiência dentro ou fora de campo.

O objetivo geral da pesquisa é observar as percepções dos participantes sociais do futebol sobre os processos de construção social dos escândalos de corrupção no futebol. Uma das questões da pesquisa é saber como são essas percepções dos participantes sociais do futebol sobre os processos de construção social dos escândalos de corrupção no futebol. O que eles percebem como corrupção no futebol.

A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa com a realização de entrevistas semiestruturadas nos anos de 2018 e 2019. Um resultado da pesquisa empírica foi que o tipo de corrupção no futebol mais citado pelos entrevistados foi a corrupção para a manipulação de resultados de jogos de futebol, com 15 citações.

As entrevistas foram realizadas das seguintes formas: 18 entrevistas foram gravadas em um estádio de futebol; 14 entrevistas foram feitas mediante o envio de formulário online do Google Forms; cinco entrevistas foram feitas por WhatsApp; quatro entrevistas foram feitas pessoalmente com anotações das respostas espontâneas e posterior transcrição destas; duas entrevistas foram feitas mediante a entrega de formulário impresso em um bar que exibe jogos de futebol; duas entrevistas foram feitas por e-mail; e duas entrevistas foram feitas pelo bate-papo do Facebook (Messenger).

Quadro 1 – Participantes sociais do futebol entrevistados

CATEGORIA	CONTAGEM	PERCENTUAL
Torcedores	25	53,19%
Atletas	7	14,89%
Dirigentes	5	10,64%
Treinadores	3	6,38%
Ex-árbitros	2	4,26%
Preparadores físicos	2	4,26%
Cronistas	2	4,26%
Ex-supervisor	1	2,13%
TOTAL	47	100,00%

Fonte: O autor

Foram realizadas 47 entrevistas no total. Foram entrevistados 25 torcedores de futebol; sete atletas de futebol; cinco dirigentes de futebol; três treinadores de futebol; dois ex-árbitros de futebol; dois preparadores físicos de futebol; dois cronistas de futebol; e um ex-supervisor de futebol.

Quadro 2 – Tipo de coleta de dados

TIPO DE COLETA	CONTAGEM	PERCENTUAL
Gravadas em um estádio de futebol	18	38,30%
Google Forms	14	29,79%
WhatsApp	5	10,64%
Anotação	4	8,51%
Formulário impresso em um bar	2	4,26%
E-mail	2	4,26%
Bate Papo Facebook	2	4,26%
TOTAL	47	100,00%

Fonte: O autor

Os entrevistados foram escolhidos entre pessoas do meu convívio, as quais eu tinha conhecimento que gostavam de futebol no caso dos torcedores, pessoas estas com quem eu já havia conversado sobre futebol e sabia que tinham um certo envolvimento com o esporte. Portanto, esses torcedores, que em sua maioria frequentam estádios foram contactados a princípio com o envio do formulário Google Forms, que foram enviados para

aproximadamente 50 pessoas, sendo que 14 pessoas responderam.

Outros entrevistados, alguns destes com os quais obtive contato pela primeira vez, foram abordados no estádio Ângelo de Carvalho, do Campos Atlético Associação (Roxinho) no jogo contra o Pérolas Negras pela Série B2 do Campeonato Carioca 2018. Três foram esses entrevistados os quais conheci no estádio. Outros dois entrevistados neste dia faziam parte da Torcida Organizada Sangue Roxo, do Roxinho. Estas duas pessoas eu já conhecia.

Um outro entrevistado eu conheci também em um estádio, desta vez no Ary de Oliveira e Souza, do Goytacaz, em um amistoso entre Goytacaz e Campos em 2018. Peguei o e-mail desta pessoa e enviei um formulário do Google Forms, que ele respondeu. A maioria dos entrevistados é do meu rol de contatos em Campos dos Goytacazes, por mais que alguns deles já não morassem em Campos, casos de

um que mora atualmente em Niterói e outro que mora na cidade Hamamatsu no Japão.

A maioria dos atletas entrevistados jogava à época em que foram entrevistados no Roxinho. Alguns deles já haviam passado pelo Roxinho e na oportunidade em que foram entrevistados já atuavam por outra equipe. Por sugestão do membro da banca da defesa do projeto de dissertação, Rodrigo Monteiro, fui ao estádio do Goytacaz num dia de treino, mas o treino ainda iria começar depois de mais de uma hora – o horário que haviam me informado estava errado – e não pude esperar.

Portanto o meu conhecimento e minha vivência no Roxinho foram fundamentais para que eu pudesse conseguir entrevistados para a pesquisa. Voltei ao Roxinho, entre tantas outras vezes, mais duas vezes especificamente para realizar entrevistas. Uma no primeiro jogo da decisão do acesso para a Série B1 contra o Maricá e numa confraternização de fim de ano,

ambas em 2018. Nesta confraternização de fim de ano, por exemplo, onde estavam alguns atletas, membros de comissão técnica, técnico, ex-árbitros, entre outros participantes sociais do futebol, consegui de uma só vez 10 entrevistas pessoalmente gravadas com um gravador.

Capítulo 2 – O sistema futebol

2.1. Os três tipos de participantes sociais do futebol

Os participantes sociais do futebol podem ser classificados como participantes profissionais diretos, como os jogadores e árbitros, que trabalham dentro do campo de jogo; como participantes profissionais indiretos, como os dirigentes, técnicos e membros de comissões técnicas, que atuam fora do campo de jogo, mas internamente nos clubes de futebol; ou como participantes indiretos externos, pertencentes

aos diferentes públicos que acompanham e se envolvem com o futebol, como os cronistas esportivos e os torcedores, que agem fora do campo de jogo e externamente aos clubes de futebol, mas podendo interferir nos participantes indiretos internos e participantes diretos.

Esta tipologia dos participantes sociais do futebol foi formulada por mim. Sistematizo nesta dissertação a percepção destes participantes sociais do futebol sobre a corrupção no futebol. Busco com esta pesquisa compreender, por meio do futebol, o problema da corrupção, um tema tão caro para a sociologia da moral.

O objetivo específico desta dissertação é diferenciar os tipos de percepção sobre a corrupção no futebol, tal como comunicadas pelos participantes sociais do futebol, destacando que a percepção da corrupção no futebol nem sempre os afeta em suas relações com o futebol e observando como eles lidam com este problema moral público à medida que

suas opiniões sobre o assunto refletem uma concepção moral sobre aquilo que pensam ser moralmente aceito a partir de suas relações enquanto indivíduos com o meio social em geral e com o futebol em particular.

O tipo de corrupção no futebol mais citado pelos entrevistados foi a manipulação de resultados. E, conforme os relatos das entrevistas, apoiados na literatura esportiva, a manipulação de resultados é uma prática existente pelo menos desde a primeira metade do século XX, natural da era amadora do futebol e que permanece na contemporaneidade, visto que, mesmo que o futebol tenha se “profissionalizado”, as práticas amadoras ainda permanecem, como o atraso por parte dos dirigentes esportivos de salários dos atletas e técnicos dos clubes, o pagamento de baixos salários para esses participantes sociais do futebol, bem como a não profissionalização dos árbitros, o que pode motivar esses participantes

sociais do futebol a se corromperem, como veremos num dos depoimentos da pesquisa empírica.

“Levantamento do antigo Ministério do Trabalho revela que a maioria (54%) dos jogadores de futebol do país empregados em 2017 recebia até três salários mínimos (2 811 reais). Os dados constam da Rais (Relação Anual de Informações Sociais) de 2017” (...) A estatística do antigo Ministério do Trabalho é o único levantamento que tenta mapear os salários no futebol brasileiro. A CBF fazia uma pesquisa parecida, mas deixou de publicar por causa das distorções criadas pelos contratos de direito de imagem. Segundo a última edição do trabalho da entidade que comanda o futebol nacional, mais de 80% dos jogadores de futebol ganhavam até 1 mil reais por mês em 2016.” (RANGEL, 2019)

Portanto o problema pode não estar só nos corrompidos e no corruptor, o manipulador de resultados. O problema da corrupção de

resultados no futebol pode estar atrelado à não profissionalização dos dirigentes esportivos, principalmente os chamados cartolas dos clubes de menor investimento, que pagam baixos salários aos jogadores.

Para um jogador de futebol ouvido na pesquisa empírica, escolaridade ensino médio, corrupção no futebol é manipulação de resultados. Isto pode ser observado na última frase da última resposta, quando se refere especificamente à “manipulação” como sendo a própria corrupção sem citar diretamente a termo corrupção, o qual substitui por “manipulação”. Ele diz tomar conhecimento dos escândalos de corrupção pelos meios de comunicação e cita um caso específico, o do Barra Mansa, que aconteceu em 2017, quando o clube foi rebaixado e teria participado de um esquema de manipulação de resultados, que foi deflagrado em 2018. Este entrevistado comenta que não tomou conhecimento diretamente de nenhum

caso, mas que fica sabendo pelos meios de comunicação.

Um torcedor entrevistado, ocupação: professor, escolaridade: ensino superior, cita vários casos de corrupção no futebol e destaca que os resultados os quais chamou de “fabricados” acontecem até mesmo na primeira divisão, como foi o caso da Máfia do Apito no Brasil em 2005, esquema citado pelo entrevistado, que cita a presença do que chamou de “cifras milionárias” no futebol, o que, para ele, torna a manipulação de resultados “cada vez mais frequente”. Para terminar, o entrevistado cita um escândalo de corrupção específico acontecido na Itália na década de 1980, que teria relação com a loteria esportiva, mais um indício de que a manipulação de resultados envolvendo apostas é uma prática mais antiga do que se pensa.

A fala de um dirigente de futebol, escolaridade: ensino médio, entrevistado na pesquisa empírica foi a seguinte:

“Corrupção realmente existe em todos os setores do esporte. Porque pessoas más remuneradas, como a arbitragem... A arbitragem é o maior problema que nós temos no futebol hoje. Eu como dirigente sei como é lidar com as pessoas com poder aquisitivo bem baixo e acaba acarretando nos problemas da corrupção. Porque ele quer, de qualquer forma, fazer do esporte o ganha pão, o emprego. Eu conheço muito árbitro, até sobre meu comando, que ele não tem emprego, ele vive do futebol. Não estou dizendo todos, é uma proporção pequena. Mas infelizmente existem aquelas pessoas que provocam a corrupção. E infelizmente o futebol é taxado de corrupto neste aspecto. Quando você erra de propósito vem de encontro à corrupção. Porque tem algum benefício, político ou financeiro. Está

agradando alguém. É um problema da Liga de Campos (LCD), da Federação (FERJ), da CBF e até da FIFA. Outro problema são os empresários que querem ganhar em cima dos atletas. Onde tem dinheiro tem corrupção”.
(Dirigente de futebol não identificado)

Repare que este dirigente colocou a culpa na arbitragem e nos empresários dos atletas. Portanto, cada qual nunca vai assumir que possa ser culpado pela corrupção no futebol. O técnico vai culpar o dirigente. O dirigente vai culpar a arbitragem. Enfim, a culpa sempre será do outro, do vizinho. Uma crítica que pode ser feita à postura do dirigente é o fato de afirmar que o árbitro quer fazer do futebol seu “ganha pão”. Mas, ora, se ele trabalha como árbitro, nada mais natural que ele possa fazer do futebol seu “ganha pão”. Qual o problema disto? Aí está exposta a questão da não profissionalização da arbitragem.

Um ex-treinador entrevistado, ocupação: dirigente comunitário, escolaridade: não respondida, diz ficar “triste” com o fato de ter tomado ciência de escândalos de corrupção. Sobre a mudança de sua relação com o futebol a partir da descoberta da corrupção no meandro no futebol, ele afirma ficar “mais atento” com o que chama de “cartolas”, o que sugere que os dirigentes esportivos teriam participação na corrupção no futebol, que, ainda para o entrevistado, teria uma “classe corrupta alojada”.

Um ex-árbitro entrevistado, ocupação: guarda civil municipal, escolaridade: ensino médio, menciona casos específicos que teriam acontecido com ele, mas alega que não teria aceitado subornos. Ele não cita nomes pelo que ele mesmo chamou de uma “questão ética”. Ele fala: “não gosto nem de lembrar”, um posicionamento moral. Na última frase da última pergunta, afirmou: “Onde tem futebol, tem corrupção”, o que é uma concepção de que a

corrupção no futebol é sistêmica, faz parte do jogo.

No entanto a não profissionalização é apenas um indicativo para a corrupção no futebol, afinal mesmo com a alta profissionalização na FIFA e na CBF, o que observamos é que a prática da corrupção está instalada nestas organizações. Portanto a corrupção não é um mal que atinge apenas as pessoas e grupos da “ralé do futebol” e sim também, é claro, no alto escalão do futebol.

Some-se a isto o fato de os dirigentes esportivos, que deveriam ser profissionalizados e remunerados, mas não, pois então esses chamados cartolas são os mais beneficiados pelo sistema do futebol, afinal exploram a mão de obra dos trabalhadores do futebol, pagando míseros salários a estes e os atletas, no sonho de um dia se tornarem milionários, se sujeitam a essas condições precárias, que resultam numa literalmente “venda” da sua força de trabalho,

agora não para o próprio dirigente do clube ao qual está vinculado, mas para um agente externo, o manipulador de resultados.

Repito, tenho a consciência de que não posso cometer o equívoco de pensar que o problema da corrupção no futebol possa estar mais incrustado na “ralé do futebol”, termo cunhado por Rodrigo Monteiro¹ em referência à definição de Jessé Souza. São evidentes os escândalos de corrupção envolvendo pessoas do alto escalão do futebol, observe-se o escândalo “FIFAgate”, bem como os escândalos de sonegação fiscal e evasão de divisas envolvendo jogadores e técnicos de futebol, que deixam de

¹ O professor Dr. Rodrigo Monteiro, da UFF Campos, pesquisador especialista em futebol, que fez parte da defesa do projeto desta dissertação, cunhou este termo “ralé do futebol” ao comentar sobre os participantes sociais do futebol que foram entrevistados na minha pesquisa empírica, que no caso dos atletas, técnicos, membros de comissões técnicas e dirigentes ouvidos, estes trabalham/trabalhavam em clubes de menor investimento do futebol brasileiro.

pagar os impostos devidos referentes aos seus salários estratosféricos.

Alguns exemplos do que podemos considerar como corrupção no futebol, que não foram citados pelos entrevistados, que vamos ver no capítulo seguinte, são o doping, onde um atleta se utiliza de uma vantagem física indevida para uma maior competitividade; e alto poderio econômico de determinados clubes, que recebem mais verbas de cotas de televisão e patrocínios, gerando mais receita e um maior poder de formação de um time superior aos demais.

2.2. Resultados obtidos

Quadro 3 – Termos citados pelos entrevistados

TERMOS CITADOS PELOS ENTREVISTADOS	CONTAGEM	PERCENTUAL
Manipulação de resultados	15	31,91%
CBF	6	12,77%
FIFA	5	10,64%
Máfia do Apito no Brasil em 2005	4	8,51%
Federações estaduais no Brasil	3	6,38%
Confederações mundiais	2	4,26%
Futebol Italiano	2	4,26%
Escândalo do Barra Mansa 2017/2018	2	4,26%
“Mala branca”	2	4,26%
Rede Globo de Televisão	1	2,13%
Venda da Vila do Curumim do Goytacaz	1	2,13%
Venda do Estádio Godofredo Cruz do Americano	1	2,13%
Escândalo das “Papeletas Amarelas” do Flamengo	1	2,13%
Copa do Mundo no Brasil em 2014	1	2,13%
Final do Campeonato Campista de 1966	1	2,13%
TOTAL	47	100,00%

Fonte: O autor

Dos 47 entrevistados, apenas um entrevistado, um atleta, não respondeu a pergunta sobre se eles consideravam que existe corrupção no futebol. Mas ele não respondeu que não existe corrupção no futebol, apenas se esquivou da pergunta. Os outros 46 entrevistados afirmaram que existe sim corrupção no futebol. 15 entrevistados citaram a manipulação de resultados como uma forma de corrupção no futebol. O termo específico “apostas” foi citado por cinco entrevistados. Um outro entrevistado citou o que chamou de “Máfia dos Apostadores”. Seis entrevistados, quando perguntados sobre casos de corrupção no futebol, citaram a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Cinco entrevistados citaram a FIFA.

Na análise das entrevistas, verificou-se ainda que quatro entrevistados citaram o caso da Máfia do Apito no Brasil em 2005, que tratou-se de um escândalo de manipulação de resultados.

Três entrevistados citaram federações estaduais. Dois entrevistados citaram outras confederações do mundo. Dois entrevistados citaram especificamente o “futebol italiano”. Dois entrevistados citaram o caso do clube Barra Mansa de 2017. Dois entrevistados usaram o termo “mala branca” para falar de corrupção no futebol. Um entrevistado citou a Rede Globo de Televisão. Um entrevistado citou a venda da Vila do Curumim do Goytacaz e a venda do estádio Godofredo Cruz do Americano como corrupções no futebol. Um entrevistado citou a final do Campeonato Campista de 1966. Um entrevistado citou o escândalo das Papeletas Amarelas, que envolveu o Flamengo na década de 1980.

Três jogadores quando perguntados mais especificamente sobre casos de corrupção no futebol fugiram do assunto e desconversam. Um dos dirigentes entrevistados, quando perguntado se a relação dele com o futebol mudou quando tomou conhecimento de casos de corrupção no

futebol, afirmou que “a paixão continua a mesma”. Um treinador, quando perguntado também se a relação dele com o futebol havia mudado após as descobertas de casos de corrupção no futebol, afirmou que passou a ficar com “o pé atrás” com o que chamou de “cartolas”. Um jogador, quando perguntado se para ele a corrupção no futebol acontece mais no Brasil e nos países periféricos ou nos países do centro também, disse: “Na Europa a gente não vê muito, não sei se eles acobertam.” Mas 95% dos entrevistados consideraram que a corrupção no futebol acontece “em todos os lugares”. Este foi um termo muito repetido pelos entrevistados.

Um preparador físico entrevistado, escolaridade: pós-graduação, fala em “internet” e “comunicação global” para comentar o que chamou de “detecção” de casos de corrupção no futebol. Cita dois casos, um do futebol italiano e a Máfia do Apito no Brasil em 2005 (um dos casos mais lembrados pelos entrevistados), mas

no geral é muito vago em suas falas, parecendo querer fugir do assunto, o que revela que o tema é polêmico e difícil de ser abordado, sendo que este entrevistado em específico foi bastante abstrato em suas considerações.

Um torcedor entrevistado, ocupação: professor, escolaridade: ensino superior completo, afirma que “a sociedade é corrupta” e que o futebol, que faz parte do sistema societal e que reflete esta corrupção da sociedade. Ele cita o que chamou de teia, que pode ser interpretada como uma rede de corrupção sistêmica. Este entrevistado fala que a relação dele com o futebol não mudou com a corrupção, o que mostra que o esporte não pode ser observado apenas pelas questões econômicas (GIULIANOTTI, 2002), configurando-se como cultura, numa visão antropológica (DAMATTA, 1982).

Para um torcedor entrevistado, ocupação: jornalista, escolaridade: ensino médio, a

corrupção no futebol é mais nítida no que chamou de “futebol nos seus níveis menores”, o que podemos chamar da “ralé do futebol”. Este entrevistado sugere que há manipulação de resultados na Europa, principalmente na Espanha, antes da deflagração do escândalo em 2019 – a entrevista foi realizada em 2018. Ele considera “difícil falar de corrupção no futebol”, por se tratar de um tema polêmico e, para ele, um pouco desconhecido.

Um torcedor entrevistado, ocupação: servidor público, escolaridade: ensino superior, cita a corrupção na política também e considera a corrupção como um “mal mundial”. Para um jogador de futebol entrevistado, escolaridade: ensino médio, a corrupção no Brasil é mais “explícita”. Ele diz considerar que na Europa os escândalos podem ser “acobertados”. Outro torcedor entrevistado, ocupação: não respondida; escolaridade: ensino médio, também

considera que a corrupção no Brasil é “mais visível”.

Um jogador de futebol entrevistado, escolaridade: ensino médio, traz à baila “notícias” como o meio para tomar conhecimento de escândalos de corrupção e disse acreditar que é um assunto “que não dá para esconder”. Ao mesmo tempo, um paradoxo, diz não ter conhecimento sobre o “FIFAgate”, que é considerado um dos maiores escândalos de corrupção mundiais, não só do futebol.

Três entrevistados citaram o que eles consideram como outros tipos de corrupção no futebol. Um entrevistado, ocupação: motorista de aplicativo, escolaridade: ensino médio, citou o favorecimento de determinados jovens atletas por parte de empresários em avaliações técnicas, as chamadas peneiras – um segundo entrevistado, ocupação: cronista de futebol, escolaridade: pós graduado, também citou este tipo específico de corrupção no futebol

relacionada à participação de empresários de atletas. E, por fim, um último entrevistado, um dirigente de futebol, escolaridade: ensino médio, citou a entrada do árbitro de vídeo (VAR) no futebol à medida que mais pessoas passam a ter o poder de interferir no resultado de uma partida.

Aproximadamente 20% dos entrevistados afirmaram que a corrupção no futebol está relacionada à presença do dinheiro. “Onde tem dinheiro tem corrupção” foi uma afirmação que apareceu em muitas das entrevistas. Destacamos a afirmação de um entrevistado, cronista esportivo, que disse que “Hoje o futebol é o maior negócio do mundo”.

O que observei a partir das percepções dos participantes sociais do futebol é que a corrupção é um tema moral, que em princípio incomoda os entrevistados que vão falar sobre o assunto, mas eles têm uma opinião formada de que a corrupção no futebol não deveria existir, bem como na sociedade em geral.

Aproximadamente 25% dos entrevistados consideraram que a corrupção está no futebol porque o futebol faz parte da sociedade e não está alheio ao que acontece na sociedade.

O fenômeno da corrupção relacionada ao futebol está atrelada ao alto quantitativo de dinheiro envolvido no esporte, o que torna o futebol vulnerável para a prática de corrupção e lavagem de dinheiro, o que foi atestado pela pesquisa “Money Laundering through the Football Sector”, do Financial Action Task Force – FATF (2009)².

As percepções sobre corrupção no futebol foram uma forma de aferir que os atores sociais, os quais categorizei como participantes sociais do futebol, são contra a corrupção no futebol, um posicionamento moral. Claro que devemos

² Endereço: <https://www.fatf-gafi.org/media/fatf/documents/reports/ML%20through%20the%20Football%20Sector.pdf>. Acessado no dia 19 de setembro de 2019.

desconfiar de suas falas, afinal como tratam-se de posicionamentos morais sabemos que estes podem não condizer com o que realmente pensam ou praticam. Esta é uma questão delicada, que está relacionada com a moral de cada um. O que posso afirmar é que a corrupção é considerada pelos entrevistados como algo contrário às regras morais, portanto imoral. Conforme pensava, nenhum entrevistado teve uma postura imoral em sua fala.

De acordo com PILZ (1999, p. 10):

“Em que pese a forte defesa das funções sociais e educativas do esporte no sentido de uma educação para o fair play, o cavalheirismo, a honradez e a camaradagem, o esporte de rendimento é muito mais uma instância de aceitação da falta de fair play, da violência e da fraude. O esporte associativo já na juventude ensina que em favor do sucesso esportivo é válido o desrespeito às regras”.

PILZ (1999, p. 10)

Ainda segundo PILZ (1999, p. 10-11)
citando BETTE (1989, p. 199-200):

“Bette (1989: 199 e seg.) identifica como as organizações do esporte se posicionam em relação a esses problemas segundo três ‘morais especiais’. As duas primeiras são a moral oficial interna do esporte de alto rendimento, cujos principais elementos são o fair play e a codificação das regras, e uma moral ‘cuja imagem é necessariamente opaca e secreta, uma moral clandestina’, que procura impor arbitrariamente seu próprio código. ‘O doping, as atitudes vinculadas à farsa e ao engano, além de outras formas de *ilegalidade útil*’ são, segundo Bette (1989: 200), ‘expressão dessa moral que assume formalmente o código oficial, mas que na prática abdica de colocá-lo em prática’. Ao lado disso encontra-se o contínuo interesse do esporte convencional em dissimular a existência dessa moral que lhe é,

na verdade, imanente. O infringir das regras não é, nesse sentido, observado como condição necessária à disputa de competições, mas imputado individual à exagerada sede de vitória dos atletas. Corresponderia a essa atitude o surgimento de 'uma moral externa, que se cruza de maneira difusa com a interna, e que critica e sanciona as normas da moral clandestina' (Bette, 1989: 200). Essa mente moral é ativada, sempre de forma cuidadosa, quando, através de indiscrições e escândalos, desmistificam-se valores sociais positivos imputados ao esporte, ou ainda quando esses valores são desmascarados como mera aparência. E em grande parte mérito das pesquisas de sociologia do esporte, nesse campo, ter desmascarado declarações das federações esportivas a respeito do esporte de alto rendimento para crianças, do problema do doping e das iniciativas de promoção do fair play como álibis e formas de tranquilizar e confundir a

opinião pública. Essas táticas deveriam, por um lado, tranquilizar os espectadores e outros grupos ligados ao esporte (sobretudo patrocinadores), e por outro apenas servir à manutenção do esporte de alto nível, incluindo sua moral clandestina do ‘ou tudo ou nada’”. PILZ (1999, p. 10-11)

Esta categorização de BETTE (1989, 199-200), citada por PILZ (1999, p. 10-11), das três “morais especiais”, a “moral oficial”, a “moral clandestina” e a “moral externa” podem explicar porque os participantes sociais do futebol entrevistados na pesquisa empírica se esquivam de comentar escândalos de corrupção que poderiam ser do foro de competência de suas atuações, como no caso dos ex-árbitros, que revelam ter recebido propostas de subornos, mas que não teriam aceitado.

Uma outra fala que corrobora a ideia de uma “moral oficial” é a fala do dirigente que

coloca a culpa pela corrupção no futebol na arbitragem. No que um ex-técnico de futebol considera como possíveis “culpados” os dirigentes, o que também foi afirmado por um ex-jogador.

A “moral clandestina” seria a de ganhar a “qualquer custo”, afinal os atletas jogam em busca da vitória e os torcedores não querem ver o seu time perder. Para tanto não aceitam, por exemplo, quando o jogador do seu time coloca a bola para fora quando um jogador adversário está caído em campo. Após o reinício do jogo, a bola é devolvida ao adversário. É o chamado *fair play*, o jogo limpo. Este fato pôde ser observado na final da Copa de 1998 quando o Brasil perdia para a França na final e o jogador Rivaldo colocou a bola para fora, no que o jogador Edmundo vociferou contra o colega de time. Portanto o que se fala é muito diferente do que se pratica.

Bourdieu (2003: 237) escreveu sobre o problema da pesquisa sobre “as questões que giram em torno dos problemas da moral” e dos “problemas que são encarados como problemas éticos à medida em que se desce na hierarquia social, mas que podem ser considerados como problemas políticos pelas classes superiores”.

O universo estudado, de 47 pessoas, é apenas um panorama do que pode vir a ser estudado quantitativamente. Os participantes sociais do futebol entrevistados trabalham/trabalhavam em organizações, como clubes de futebol, do município de Campos dos Goytacazes-RJ, com apenas três casos, de um atleta e um treinador, que trabalhavam, respectivamente, nos municípios de Castelo e Venda Nova dos Imigrantes, ambos no estado do Espírito Santo; e um preparador físico, que trabalhava no município de Muriaé-MG.

2.3. Percepções de corrupção no futebol na literatura esportiva

O ex-jogador de Fluminense, Flamengo, Americano e Goytacaz, entre outros clubes, Zé Roberto, publicou em 1987 o livro “Futebol: a dor de uma paixão”, onde o título por si só expressa o sentimento de desilusão com o esporte mais propagandeado do mundo. No trecho a seguir, Zé Roberto demonstra que o problema do futebol pode estar relacionado à questão dos dirigentes esportivos.

“O afastamento da figura do cartola me parece o primeiro passo a ser dado em busca da reformulação do nosso futebol. Porque antes de qualquer medida técnica ou tática, precisamos recuperar a dignidade de sua estrutura. E nada como começar por cima, afastando do comando da CBF figuras que só utilizam o futebol como suporte político”.
(ROBERTO, 1987: 66)

Zé Roberto, que assina o livro com o nome como era conhecido como jogador de futebol, é o José Roberto Padilha. Este trecho está incluído no capítulo “Política: Um estranho no ninho”, onde Zé Roberto, que estava no fim da carreira de jogador, afirma que o jogador de futebol em geral é uma pessoa alienada. Zé Roberto afirma que era uma exceção à regra.

Continuando a abordar os prováveis “culpados” - sem cair em juízo moral - pela corrupção no futebol, trago à baila um trecho do clássico livro do intelectual uruguaio Eduardo Galeano, “Futebol ao Sol e à Sombra”: “O árbitro é arbitrário por definição (...) Seu trabalho consiste em se fazer odiar. Única unanimidade do futebol: todos o odeiam. É vaiado sempre, jamais aplaudido” (GALEANO, 2002). Apesar de generalizar, Galeano, em nenhum momento toca na questão de uma possível desonestidade do árbitro de futebol, que é muito estigmatizado por isto, tendo em vista que o árbitro

costumeiramente desagrada ambos os times envolvidos numa partida e quando um time perde, o torcedor do time perdedor vai procurar geralmente o culpado se não no seu próprio time, no fator externo, que seria no caso o árbitro, que tem o poder de tomar decisões que podem influenciar no resultado do jogo.

Em 1987, o jornalista e ex-técnico de futebol, João Saldanha, que foi demitido da seleção brasileira por questões políticas durante a ditadura militar no Brasil - afinal Saldanha era assumidamente opositor ao regime militar, pois bem, ele publicou o livro “Meus amigos”, que tem um capítulo denominado “Jogo Sujo”, o mesmo título em Português do livro de Andrew Jennings publicado no Brasil em 2011 e o primeiro de uma série a explicitar a questão da corrupção na FIFA.

Pois voltando ao livro de João Saldanha, destacamos a seguir um trecho onde ele

comenta sobre alguns escândalos de corrupção na Europa:

“Não lembro bem em que ano, mas acho que foi em 1971, chegando à Europa, em trânsito de Madri a Paris que peguei, ao acaso, um jornal inglês que falava em escândalo no futebol europeu na manchete da primeira página.

O escândalo não era um só. Um na Alemanha e outro na Inglaterra. O escândalo inglês envolvia apenas um jogador de terceira ou quarta divisão num caso de suborno. Mas o da Alemanha envolvia cinco jogadores e a notícia afirmava que, pelo menos, mais dois certamente apareceriam, o presidente e um diretor do Schalke 04 (...)

(...) Um ano antes, X, estava no meio de uma turma de jogadores alemães que amoleceram jogos por causa de apostas”. (SALDANHA, 1987: 144)

A percepção de corrupção de João Saldanha está correlacionada ao fenômeno das

apostas esportivas, que podemos perceber é antigo, conforme relatos de alguns entrevistados da pesquisa empírica. O relato de João Saldanha é do início da década de 1970. O fenômeno da aposta esportiva, que vamos ver adiante que foi o tipo de corrupção no futebol mais citado pelos entrevistados, se profissionalizou com o advento dos sites de apostas esportivas, um novo fenômeno, que inclusive tem injetado dinheiro nos clubes de futebol, que têm conseguido patrocínios desses sites de apostas esportivas.

Neste relato de João Saldanha percebemos a ação do jogador de futebol, que pode estar envolvido com corrupção no futebol, afinal ele está dentro de campo e tem a possibilidade de interferir num lance decisivo que pode resultar num gol por exemplo. Destaco que não estou fazendo juízo de valor dos participantes sociais do futebol, só estou levantando questões que são comentadas no

senso comum e apareceram nas entrevistas que realizei.

No livro “Jogo Roubado”, do jornalista Brett Forrest, publicado em 2014, o autor, que entrevistou o homem que é considerado um dos maiores manipuladores de resultados do mundo, Wilson Perumal, revela que os jogadores que estão mais suscetíveis a serem subornados para entregar uma partida são os goleiros e zagueiros, afinal, segundo o autor, de acordo com o entrevistado, é mais fácil corromper um ou mais jogadores para perder o jogo (“mala preta”) do que corromper um ou mais jogadores para ganhar uma partida (“mala branca”).

O livro “O lado sujo do futebol”, de quatro autores, publicado em 2014, trata, como o título da publicação explicita, dos bastidores do meandro do futebol, abordando relações suspeitas entre organizações. A obra cita o crescimento das empresas de marketing esportivo, que intermediam os direitos de

transmissões televisivas dos eventos esportivos da FIFA, um dos pontos centrais para o desencadeamento do escândalo “FIFAgate” em 2015, que também incluía no processo a provável venda de votos para a escolha do Catar como sede da Copa de 2022. (CHADE, 2015)

O politizado jornalista Juca Kfourri publicou em 2017 o livro de memórias “Confesso que perdi” em que trata de alguns temas ligados à corrupção no futebol, como nos capítulos “A Máfia da Loteria” e “A Fifa, seus chefões e chefinhos”.

2.4. O “FIFAgate”, a “mídiatização” e a “hipermercantilização” do futebol

No dia 27 de maio de 2015 foi preso no hotel Baur au Lac, em Zurique, na Suíça, onde seria realizado o 65º congresso da FIFA, o brasileiro José Maria Marín, antigo político defensor da ditadura militar no Brasil (1964-

1985); ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), de 2012 a 2014; Presidente do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014; e Membro do Comitê Organizador dos Torneios Olímpicos de Futebol da FIFA. (CHADE, 2015)

A investigação começou oficialmente no dia 9 de maio de 2013, quando o empresário José Hawilla, falecido aos 74 anos no dia 25 de maio de 2018 vítima de problemas respiratórios, foi abordado pelo Federal Bureau of Investigation (FBI) no hotel Mandarin, em Miami, onde estava hospedado. J. Hawilla, como era conhecido, era proprietário da empresa de marketing esportivo Traffic e fundador da TV TEM, afiliada da Rede Globo no interior do estado de São Paulo. J. Hawilla teria participado diretamente de negociações com a FIFA e, com a vantagem de não ser preso, foi multado e ajudou a delatar o esquema de corrupção na FIFA. Depoimentos de delatores revelam que dirigentes da

Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), CBF e da Globo teriam participado do escândalo de corrupção denominado “FIFAgate”, que é considerado o maior escândalo de corrupção da história do futebol e um dos maiores escândalos de corrupção em geral do mundo.

O diretor executivo da empresa argentina de marketing Torneos y Competencias, Alejandro Burzaco, denunciou que a Globo teria tido participação no “FIFAgate”. O escândalo foi tão grande que resultou no suicídio do advogado argentino Jorge Delhon, que se jogou em frente a um trem depois do mesmo Burzaco declarar que lhe pagou subornos milionários. Além da Globo, estariam envolvidos no esquema de corrupção as empresas Fox Sports, dos Estados Unidos; e Televisa, do México.

O esquema funcionava da seguinte forma: As empresas de marketing esportivo negociavam diretamente com os dirigentes esportivos da

FIFA, Conmebol e CBF os direitos de transmissão televisiva de campeonatos organizados por estas instituições. O valor dos direitos televisivos adquiridos pela empresas de marketing era menor do que o negociado diretamente com os representantes das empresas de televisão, que pagavam mais pelo direito de transmitir os campeonatos, incluindo na diferença o suborno, que era repassado para os dirigentes esportivos, dando o direito, sem licitação, sem concorrência livre e com exclusividade, das empresas televisivas de transmitir os campeonatos de futebol, como a Copa do Brasil, Copa América e Copa do Mundo.

A corrupção na FIFA já existia desde o início do século XX, mas passou a ser mais investigada e denunciada com a chegada ao poder do brasileiro João Havelange, que foi denunciado de receber propinas por contratos milionários com empresas de marketing e de TV nos seus 24 anos à frente da entidade máxima

do futebol mundial; bem como com o suíço Joseph Blatter, apadrinhado de João Havelange e que sofreu uma verdadeira chuva de dinheiro falso em uma coletiva no dia 20 de julho de 2015, numa imagem que ficou famosa mundo afora, proporcionada por um protesto do comediante inglês Simon Brodtkin. (JENNINGS, 2011).

O “FIFAgate” também atingiu o então presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, que foi banido da FIFA e impedido de viajar para fora do Brasil, apesar de não ter sido preso, o que aconteceu com o ex-presidente da CBF, José Maria Marin, que ficou quase cinco anos preso nos Estados Unidos, condenado por crimes de corrupção, tendo sido libertado em abril de 2020 por conta da idade avançada (87 anos) e pelo risco de contágio pela Covid-19, doença que tornou-se uma Pandemia.

Ricardo Teixeira, ex-genro de João Havelange e presidente da CBF de 1989 até

2012, a qual foi dedicado um capítulo no livro "The Country of Football", de Roger Kittleston (2014), também foi denunciado por inúmeros casos de corrupção, inclusive teve sua prisão pedida nos Estados Unidos e extradição na Espanha por conta de propinas recebidas do contrato com a fornecedora de material esportivo da seleção brasileira, Nike, então presidida por Sandro Rosell, que depois viria a ser presidente do Barcelona e que foi preso justamente por lavagem de dinheiro e organização criminosa.

Neste ínterim estaria envolvida o grupo de mídia mais poderoso do Brasil, a Rede Globo de Televisão, que teria pago propinas pelo direito de transmissão de jogos de campeonatos de futebol sem licitação, sem concorrência livre e com exclusividade. A Globo foi fundada em 1965 em plena ditadura militar e já no dia 21 de novembro do mesmo ano de fundação transmitiu em VT o amistoso entre Brasil e União Soviética,

realizado no Maracanã e que terminou empatado em 2 a 2.

No dia 28 de maio de 2019 foram presas na Espanha pessoas que estariam envolvidas em manipulação de resultados de jogos de futebol no país, inclusive na primeira divisão nacional. O escândalo de corrupção da Espanha teria envolvido jogadores dos clubes de futebol Valladolid, Huesca, Deportivo de La Coruña e Getafe. Além da manipulação de resultados, a investigação descobriu que as estatísticas, como números de escanteios, faltas e cartões, também eram manipulados.

Sobre o escândalo de manipulação de resultados deflagrado na Espanha em 2019, o apresentador Marcelo Barreto, no programa Redação Sportv do dia 28 de maio de 2019, afirmou:

“Eu acredito que não exista nada que ameace mais o futebol, inclusive a ponto de se não acabar, pelo menos abalar as

estruturas do futebol, que a manipulação de resultados. Se o futebol perder sua característica de imprevisão, ele perdeu o sentido. Aí você vai ter uma nova geração que está começando a gostar de futebol que vai receber o seguinte recado: Olha, os caras já combinaram quanto vai ser o jogo? Esse jogo que eu estou vendo tem grandes possibilidades de ter sido arranjado? Então quer dizer que o que eu estou vendo pode não ser de verdade? Isto começa a abalar a confiança do espectador de uma maneira...” (BARRETO, 2019)

No que o jornalista Aydano André Motta, no mesmo programa do mesmo dia, comentou:

“Tudo desmorona, a paixão (...) Com a tecnologia, que vai em todos os lugares, inclusive nas apostas, vai ficar muito mais difícil de reprimir (...) É aquele negócio, depende da convicção pessoal, da ética das pessoas. Como é que você vai vigiar todos os jogadores, toda a estrutura do futebol? (...) É

muito grave porque indica o fim do futebol como atividade de interesse”. (MOTTA, 2019)

O outro comentarista da bancada do programa, o radialista José Godoy, disse que:

“É sempre difícil você imaginar que uma partida com mais de 30 atletas você não desconfie que alguma coisa esteja acontecendo ali dentro (...) Tem um ponto interessante nesta história (do escândalo na 1ª divisão da Espanha). Nessas histórias mais recentes tinha uma questão meio geográfica, leste europeu, países meio periféricos, onde isto eram práticas que você acabava descobrindo, fora deste roteiro de casas de apostas tradicionais. Você tinha um sistema fraudulento meio do submundo do crime. E isto vai para a primeira divisão da Espanha, uma das ligas mais ricas do mundo. Muda o eixo”. (GODOY, 2019)

A última afirmação vai ao encontro com a percepção dos participantes sociais do futebol

entrevistados nesta pesquisa, a percepção quase unânime no universo de 47 entrevistados de que a corrupção no futebol não é uma exclusividade do Brasil e dos países considerados periféricos, mas acontece também na Europa, centro da economia mundial do futebol.

No dia 25 de maio de 2019 foram presas no Brasil duas pessoas suspeitas de fraudes em borderô de ingressos de jogos de futebol no estádio Mané Garrincha em Brasília, o mais caro estádio construído para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Em 2018 no Brasil foi divulgado um suposto esquema de manipulação de resultados no futebol paraibano, que teria envolvido dirigentes esportivos e árbitros de futebol. Em 2017, o clube de futebol Barra Mansa, que foi rebaixado no Campeonato Carioca das divisões inferiores, teria participado de um suposto esquema de manipulação de resultados.

O ex-jogador e na contemporaneidade cronista esportivo, Paulo César Caju, em entrevista ao Jornal O Tempo, publicada no dia 05 de julho de 2018, durante a Copa do Mundo na Rússia, afirmou o seguinte:

“Se eu jogasse hoje, reuniria os jogadores e falaria para não jogarmos na seleção enquanto os casos de corrupção não fossem resolvidos (...) Porque são um bando de alienados. Sabem de tudo o que acontece (...) Você vê esses caras assumirem alguma posição? Nem com relação à corrupção na CBF (...) A corrupção vem de onde? Da Fifa. É uma pena que as pessoas que controlam o futebol estejam tão envolvidas com corrupção. Hoje, quando vejo esses escândalos que atingem também a Conmebol, as entidades africanas, e tem três ou quatro brasileiros, ninguém se manifesta. E a própria imprensa é culpada, porque você tem uma situação de esporte e corrupção e ninguém se pronuncia”.

No dia 12 de setembro de 2019 foi anunciado pelo Comitê de Ética da FIFA o banimento do futebol do ex-vice-presidente da FIFA, ex-presidente da Conmebol, e ex-presidente da Associação Paraguaia de Futebol, Juan Ángel Napout, acusado de receber subornos no período de 2012 a 2015 pela concessão de direitos de televisão e marketing dos torneios Conmebol. Napout foi um dos dirigentes presos no escândalo "FIFAgate" em 2015. Em agosto de 2018, ele foi condenado a nove anos de prisão.

Aqui está posta mais uma questão moral, que foi esta decisão da FIFA de banir do futebol dirigentes. Este não foi o primeiro dirigente banido pela FIFA, que chegou a banir os brasileiros ex-presidentes da CBF, Marco Polo Del Nero e Ricardo Teixeira. O ex-presidente da FIFA João Havelange chegou a ter seu nome retirado da sede da CBF. Estas decisões demonstram a preocupação moral das

instituições que organizam o futebol, que querem se livrar da pecha de corruptas tendo iniciativas que passam uma ideia de combate à corrupção.

O mesmo pode ser observado em relação aos meios de comunicação, que transformam em escândalos os casos de corrupção. Mas no caso do “FIFAGate” os próprios meios de comunicação estariam envolvidos em prática de pagamento de subornos para a aquisição do direito de transmissão de eventos esportivos. Há laços econômicos de meios de comunicação com os negócios do esporte. Portanto os meios de comunicação que desencadeiam os processos de escandalização, alguns deles mesmos fazem parte dos esquemas de corrupção, o que os impediria de divulgar notícias de fatos relativos aos escândalos, o famoso “Verbo de acordo com a verba”.

No dia 8 de dezembro de 2019, na 38ª e última rodada do Campeonato Brasileiro, foi

rebaixado, pela primeira vez em sua história, o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte, Minas Gerais. O rebaixamento do Cruzeiro coincidiu com a investigação de dirigentes do clube mineiro por suspeitas de lavagem de dinheiro, falsificação de documentos, falsidade ideológica e outras irregularidades, que tornou a situação financeira do Cruzeiro crítica com o aumento substancial da dívida geral do clube com a União, a FIFA, entre outros credores, que chegaram a 799 milhões até 2019.

Segundo BOURDIEU (1989: 11): “(...) As relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlatch*, podem permitir acumular poder simbólico”. Esta afirmação destaca a importância dos meios de comunicação, que associados ao “poder

simbólico” do futebol, se tornam uma potência capaz de difundir as ideias das quais precisa para manter o seu “poder simbólico”.

“O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer ignorado como arbitrário. Isso significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos” em forma de uma *“illocutionary force”*, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz a *crença*.

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem

ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronunciam, crença cuja produção não é da competência das palavras.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. (BOURDIEU, 1989: 14-15)

Aqui voltaremos à questão do escândalo à medida que o escândalo só se consolida como tal conforme é denunciado pelos meios de comunicação. Esta assertiva pôde ser observada na pesquisa empírica com os participantes sociais do futebol, onde apareceu o tema da “mídia” como catalisadora dos escândalos de corrupção. Neste sentido, analisaremos as relações intersistêmicas envolvendo o futebol e os meios de comunicação de massa, com seu papel decisivo na construção seletiva de escândalos.

A FIFA estabeleceu o “Padrão FIFA”, que ficou famoso durante as obras para a construção dos estádios para a Copa de 2014. Com o “Padrão FIFA”, a entidade máxima do futebol alterou leis, inclusive a Legislação do Trabalho; e obteve isenções fiscais de impostos com muitas exigências e poucas garantias e muito dinheiro envolvido, gerando até mesmo um “Mercado Negro” de venda de ingressos, estes que só eram acessíveis para a classe mais abastada. Ficou famosa também na Copa de 2014 no Brasil a frase “Copa para quem?”.

Para SIMMEL em “O dinheiro na cultura moderna” (1896), o dinheiro é impessoal e substitutivo. E o futebol é um espaço de circulação de dinheiro. Em “Cidades Rebeldes”, David Harvey, fala sobre mercantilização e monopólio, onde podemos relacionar com apropriação da FIFA sobre o futebol com a Copa do Mundo e seu conseqüente monopólio. “A insípida homogeneidade que acompanha a pura

mercantilização opaca as vantagens do monopólio dos produtos culturais (grifo do autor) tornam-se cada vez mais semelhantes às mercadorias em geral” (HARVEY, 2012: 175).

O Futebol, além de ser um sub-sistema social autônomo com uma lógica interna própria, também se torna, em sua relação com os negócios, uma Indústria, que gera competição, oligopólio, centralização do capital, controle sobre a produção e um Mercado. “O poder de monopólio da propriedade privada é o ponto de partida e de chegada de toda atividade capitalista” (HARVEY, 2012: 178). Segundo ALABARCES (2012: 22): “O esporte como invento moderno se vê submetido à mesma lógica que as outras instituições modernas: a circulação e a comparação”. A ascensão do novo capitalismo moderno sobre a corrupção, a partir do Governo Neo Liberal de Margaret Thatcher a partir de 1975 na Inglaterra, pátria da Revolução

Industrial e do Futebol, seria produto do processo de internacionalização.

O autor Nick Hornby no livro “Febre de Bola” de 1992 já abordava a arenização dos estádios com a substituição das arquibancadas de concreto por cadeiras, a alta no preço dos ingressos e a mudança do perfil do torcedor, que passou a ser mais de classe média. Isto na Inglaterra.

O fenômeno da manipulação de resultados por meio dos sites de apostas esportivas é um exemplo da “hipermercantilização” do futebol, tema que vamos tratar neste capítulo. “Hipermercantilização” foi o termo utilizado pelo sociólogo escocês Richard Giulianotti para descrever o processo de aceleração da mercantilização do futebol, que a partir da criação da Copa do Mundo de Futebol em 1930 se torna um fenômeno mais explorado economicamente, sendo que desde 1900 o

futebol já fazia parte das Olimpíadas, mas com a Copa do Mundo o futebol passa a ter um evento organizado e com visibilidade e reconhecimento público com a participação da FIFA, fundada em 1904 com o objetivo de organizar e explorar o esporte que ao contrário do mito da elitização inicial nasce popular. (PEREIRA, 2000)

No dia 26 de janeiro de 2020, o programa televisivo Esporte Espetacular, da Rede Globo, veiculou uma reportagem sobre manipulação de resultados na Série C do Campeonato Carioca, equivalente à oficialmente 4ª divisão do estado do Rio de Janeiro. Um exemplo raro de matéria jornalística que pesquisou a fundo os meandros obscuros do futebol e mostrou uma realidade escondida.

É preciso destacar a comunicação funcionalmente diferenciada nos processos de construção social de escândalos de corrupção (BAYLE, E & RAYNER, H., 2016), utilizando-se do conceito de “mídiatização do esporte”

(BIRKNER, T. & NÖLLEKE, D., 2016). A dissertação vai além ao verificar o papel da Comunicação nos processos de construção social de escândalos de corrupção, à medida que os casos de corrupção se tornam escândalos devido à “midiatização do esporte” (BIRKNER, T. & NÖLLEKE, D., 2016). Na pesquisa empírica, os entrevistados citam espontaneamente e diretamente os termos “mídia”, “imprensa”, “notícias”, “comunicação” e “internet” para explicitar como percebem os casos de corrupção que se tornam escândalos.

A “hipermercantilização do futebol” (GIULIANOTTI, 2002) (GIULIANOTTI, R. & WALSH, A, 2007) é o termo utilizado para destacar o papel dos meios de comunicação de massa e do sistema econômico, enquanto sistemas funcionais importantes na construção pública das percepções de corrupção no sistema esportivo. É fato que o dinheiro das emissoras de TV é uma das maiores fontes de receita dos

clubes. A entrada dos canais de TV por assinatura e do modelo *paperview* (Do inglês “pagar para ver”. O assinante compra um pacote para assistir a jogos de determinados campeonatos) na década de 1990 no Brasil intensificou este aporte financeiro aos clubes. Os torcedores também ganham com isto, tendo em vista que podem assistir aos jogos no conforto do lar, sem precisar ter de comparecer a um estádio. Este é um ganho democrático, afinal permite um maior acesso ao futebol, mesmo que à distância, sendo que por vezes a assistência de um jogo pela TV é mais nítida do que ver uma partida no estádio, onde estão algumas agruras próprias do campo de jogo, ambiente de uma partida.

Esta ingerência da TV no futebol gerou a criação do árbitro de vídeo, o chamado “VAR” (*Video Assistant Referee*), onde uma equipe de árbitros verifica lances polêmicos para tentar fazer justiça ao futebol, um esporte que

costuma-se dizer que não tem lógica. O problema está em como esta “hipermercantilização” cria em vez de torcedores, clientes consumidores, à medida que só quem tiver capital para a aquisição dos produtos do futebol poderá usufruir do que o esporte das multidões proporciona, uma questão central da crítica ao capitalismo, que pode-se considerar que não é bom para todos, mas apenas para quem pode.

Os meios de comunicação controlam o escândalo, mas eles próprios podem ter participação em atos que podem ser escandalizados. E este é o papel das mídias alternativas, como blogs, por exemplo; e as redes sociais, uma “concorrência” que acaba favorecendo a denúncia de alguns meios de comunicação por outros.

A corrupção, que acomete o futebol, precisa ser melhor explicitada para que, com as percepções dos participantes sociais do futebol,

seja possível dimensionar o quanto o futebol pode estar infeccionado.

O médico Afonso Celso Garcia Reis, o ex-jogador Afonsinho, deu o diagnóstico em entrevista ao site Museu da Pelada: “O futebol está doente”. Uma das causas desta doença que acometeu o futebol é a entrada de grande volume de dinheiro no antigo esporte das multidões.

3. Considerações finais

Os entrevistados colocam-se moralmente como indivíduos no meio social coletivo, tendo o futebol como particular, um subsistema do sistema esportivo, uma das partes do sistema societal, que envolve ainda os sistemas comunicacional e jurídico em relação aos escândalos de corrupção no futebol. Concluo que o tema da corrupção no futebol é um tema que algumas pessoas abordam com certo

melindre, mas que outras citam casos mais específicos, mas distantes espacialmente e fora do foro de competência ao qual possam ter de responder. Nos casos dentro do foro de competência ao qual possam ter de responder, as respostas são mais vazias e abstratas.

Quando se trata de casos envolvendo a FIFA ou até mesmo a CBF, o tema da corrupção no futebol é tratado mais abertamente. Mas na esfera estadual do Rio de Janeiro, onde as entrevistas foram realizadas, o que se vê é um silêncio sobre casos que envolveriam, por exemplo, a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ). O que se observa ainda é que a opinião de que existe corrupção no futebol, o que parece óbvio, se confirma e é unânime, assim como na pergunta sobre a especificidade ou não da corrupção no Brasil e nos países periféricos e semiperiféricos, na diferenciação com o centro (WALLERSTEIN, 2012), o que constato é que 95% dos entrevistados

consideram que a corrupção “acontece em todos os lugares”, frase muito repetida pelos entrevistados.

Constato ainda que os entrevistados, numa postura ética, que diz respeito ao que é melhor para o particular de cada um, obviamente se colocam contra a corrupção no futebol, apontando casos de corrupção que tornaram-se escândalos e, no caso dos árbitros de futebol, não assumindo que possam ter sido subornados, e, detalhe, eles antes mesmos de serem apontados como supostamente terem o poder de mudar o resultado de um jogo de futebol, revelam, espontaneamente, casos específicos que teriam acontecido com eles, como se a corrupção no futebol fosse algo natural ao sistema, parte do jogo, mas que, no entanto, não é aceita moralmente.

Os entrevistados demonstram ter consciência sobre a corrupção no futebol. Para os participantes sociais do futebol, a corrupção

no futebol é algo condenável, mas que eles afirmam existir. Está aí estabelecido um conflito entre o real, que é a corrupção no futebol, que podemos considerar como sistêmica; e o ideal, que é o futebol sem corrupção. Mas os próprios entrevistados afirmam que o futebol faz parte da sociedade, concordando com a assertiva de DAMATTA (1982: 23): “O esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte”.

No que GUEDES (1982: 61) afirma que o futebol é um “sistema complexo de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas de modo algum desligados de outros aspectos socioculturais”. Assim, podemos considerar que, enquanto parte do sistema esportivo, que faz parte do sistema societal, o subsistema futebol se diferencia funcionalmente, por exemplo, do sistema dos meios de comunicação de massa e da esfera pública, que cria os processos de escandalização dos casos de corrupção. Na

visão normativa pressuposta na escandalização promovida pela comunicação midiática na esfera pública, a corrupção não deveria existir. Com esta mesma concepção normativa, os participantes sociais do futebol em suas comunicações (entrevistas) têm uma postura moral ao condenar a corrupção, mas, ao mesmo tempo afirmam que a corrupção faz parte do esporte, afinal o esporte faz parte da sociedade, que seria corrupta por natureza. Visão normativa e “realismo sociológico” sobre a imperfeição do futebol como algo que “faz parte” das imperfeições da vida coletiva parecem se combinar na relação entre o discurso e o envolvimento prático no futebol.

Tenho a consciência de que esta pesquisa não resolve o problema da corrupção, uma patologia da sociedade, um problema moral. Mas destaco a importância desta pesquisa, que coletou dados sobre as percepções dos participantes sociais do futebol sobre a

corrupção no futebol. Era preciso ouvir o que eles tinham a dizer sobre um fenômeno tão problemático, como a corrupção, para um patrimônio cultural tão importante, como o futebol.

O futebol, que "é uma glória do país", como afirmou o professor da UENF, antropólogo Arno Vogel, em uma de suas últimas conversas comigo antes de eu terminar de escrever a dissertação. Realmente, o Brasil é reconhecido como o maior campeão mundial de futebol, com cinco títulos de Copas do Mundo. É o único país que participou de todas as Copas do Mundo. É o país que revela mais jogadores para o futebol mundial, uma fábrica de craques. Este é o lado positivo do futebol do Brasil no mundo. O lado negativo é que toda esta potência do Brasil no futebol é utilizada para fins de vantagens indevidas, como pudemos observar em vários escândalos de corrupção no futebol citados pelos entrevistados na pesquisa empírica.

Se por um lado o dinheiro gerou mais riquezas para dirigentes, empresários, jogadores, técnicos, entre outros participantes sociais do futebol, por outro lado o dinheiro gerou um disparate de salários, de percentual por transferência de jogadores, de cotas de tvs para clubes de futebol, enfim, uma realidade mais desigual, onde poucos ganham muito e muitos ganham pouco.

Este é um problema do capitalismo em geral. O dinheiro adoeceu o futebol e um dos males que atingiram o futebol foi a corrupção para a manipulação de resultados, fenômeno que se profissionalizou com o advento dos sites de apostas esportivas.

Mas o futebol ainda pulsa em nossas veias e em nossos corações. Afinal, conforme escrevia Nelson Rodrigues, o “Sobrenatural de Almeida” poderá intervir. E o imponderável poderá acontecer. Um time inferior vencer um

time superior. Um time mais pobre vencer um time mais rico. Isto no futebol é deveras possível.

Porque o futebol não tem lógica, às vezes tem justiça. Segundo frase atribuída ao jornalista Mauro César Pereira: “O futebol é a melhor invenção do homem”. O futebol é necessário. O futebol é a alegria em meio ao sofrimento. O futebol é a razão de viver. O futebol é um alimento para a alma. O futebol é paixão, emoção, dor e êxtase. Mesmo que nosso time perca. Mesmo que nosso maior rival ganhe. Mesmo que exista corrupção no futebol. Mas o futebol é como a política e a religião. Não vamos perder a religiosidade e a consciência. E vamos discutir sim, futebol, religião e política. Para chegarmos num denominador comum. É conversando que a gente se entende. É estudando, pesquisando. É fazendo ciência. Séria, comprometida e correta.

Referências Bibliográficas

ALABARCES, Paulo. *“Fútbol y Globalización: Las Formas Locales de Las Mercaderías Globales”* em *Futebol, Comunicação e Cultura* (orgs. MARQUES, José Carlos. GOULART, Jefferson Oliveira). São Paulo, Intercom, 2012.

ARAÚJO. Ricardo Benzaquem. *“Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão”*. Dissertação do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, 1980.

AZEVEDO. Aldo Antonio de. (1999) *“Dos velhos aos novos ‘cartolas’: Uma Interpretação do Poder e das Suas Resistências nos Clubes, Face ao Impacto das Relações Futebol-Empresa*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília (UNB). Programa de Pós Graduação em Sociologia.

BARRETO, Marcelo; MOTTA, Aydano André; GODOY, José. *Escândalo de manipulação de resultado na Espanha é debate no Redação: "Indica o fim do futebol"*. Endereço: Site do Canal Sportv. 28 de maio de 2019. Endereço: <https://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/escandalo-de-manipulacao-de-resultado-na-espanha-e-debate-no-redacao-indica-o-fim-do-futebol.ghtml>. Acessado no dia 08 de setembro de 2019.

BAYLE, Emmanuel; RAYNER, Hervé. *"Sociology of a scandal: the emergence of "FIFAgate" in Soccer & Society"*. San Diego: Routledge. 2016.

BOLTANSKY, Luc. *"The Sociology of Critical Capacity"* em *European Journal of Social Theory*. Londres: Sage, 1999.

BIRKNER, Thomas; NÖLLEKE, Daniel. *"Soccer Players and Their MediaRelated Behavior: A*

Contribution on the Mediatization of Sports in Communication & Sport, Vol. 4, Issue 4. Arizona: Sage, 2016.

BOUDON, Raymond. “Ação” em BOUDON, Raymond; *“Tratado de Sociologia”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BOURDIEU, Pierre. “O poder simbólico”. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. “Questões de Sociologia”. Fim de Século: Lisboa, 2003.

CHADE, Jamil. *“Política, propina e futebol: Como o ‘Padrão Fifa’ ameaça o esporte mais popular do planeta”*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COLLINS, Randall. “O surgimento das Ciências Sociais” em COLLINS, Randall; *“Quatro tradições sociológicas”*. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; e VOGEL, Arno. *“Universo do Futebol - Esporte e Sociedade Brasileira”*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUTRA, Roberto. *‘Os sentidos da crítica em Niklas Luhmann’* em *“Teoria crítica dos sistemas? Crítica, teoria social e direito”* (Orgs. AMATO, Lucas Fucci; DE BARROS, Marco Antonio Loschiavo Leme). Porto Alegre: Fi, 2018.

DURKHEIM, Émile. *“Lições de Sociologia”*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *“A busca da excitação”*. Lisboa: Difel, 1985.

FERREIRA, Ana Leticia Padeski. *“O campo acadêmico-científico da sociologia do esporte no Brasil (1980 - 2010) : entre a institucionalização,*

os agentes e a sua produção”. Dissertação do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FORREST, Brett. *“Jogo Roubado: A caça aos responsáveis pela manipulação de resultados de partidas de futebol”*. São Paulo: Paralela, 2015.

GALEANO, Eduardo. *“Futebol ao sol e à sombra”*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GIGLIO, Sérgio Settani; Spaggiari, Enrico. *“A produção das Ciências Humanas sobre Futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009)”*. Revista de História da USP, n. 163, São Paulo, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. *“Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões”*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard; WALSH, A. *“Ethics, Money and Sports: This Sporting Mammon”*. New York: Routledge, 2007.

HARVEY, David. *“Cidades Rebeldes”*. São Paulo: Martins, 2012.

HELAL, Ronaldo George. *“O que é sociologia do esporte”*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HITLIN, Steven. ‘Os Contornos e o Entorno da Nova Sociologia da Moral’ em *“Sociologias”*. Porto Alegre: UFRS, 2015.

HORNBY, Nick. *“Febre de bola”*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUIZINGA, Johan. *“Homo Ludens”*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

JENNINGS, Andrew. *“Jogo sujo: o mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos”*. São Paulo: Panda Books, 2011.

JÚNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher, RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Org.). *“Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas”*. Rio de Janeiro : E-papers, 2015.

KFOURI, Juca. *“Confesso que perdi”*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LIMA, Paulo César. *“Estou torcendo para a Bélgica”, diz Paulo Cezar Caju, campeão mundial em 1970*. Entrevista concedida a Bruno Mateus. Seção Super F. C. do jornal online O Tempo. Belo Horizonte, 05 de julho de 2018. Endereço:

<https://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/estou-torcendo-para-a-belgica-diz-paulo-cezar-caju-campeao-mundial-em-1970-1.1996577>. Acessado no dia 12 de setembro de 2019.

LUHMANN, Niklas. “*Sistemas sociais: esboço de uma teoria geral*”. Petrópolis: Vozes, 2016.

LUHMANN, Niklas. “*La moral de la sociedad*”. Madrid: Trotta, 2013.

LUHMANN, Niklas. “*La sociedad de La sociedad*”. México: Herder, 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “*Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POUPART, Jean; e outros. “*A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PILZ, Gunter A. “*Sociologia do Esporte na Alemanha*”. Revista Estudos Históricos, v. 13, n. 23, Rio de Janeiro, 1999.

RANGEL, Sérgio. *“O jogo do salário mínimo: Desigualdade de renda cria abismos no futebol brasileiro; metade dos jogadores ganha, na carteira, menos de três salários mínimos”*. Revista Piauí. 31 de maio de 2019. Acessado em 04 de setembro de 2019.

RIBEIRO JÚNIOR, Amaury; CIPOLINI, Leandro; AZENHA, Luis Carlos; CHASTINET, Tony. *“O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo”*. São Paulo: Planeta, 2014.

ROBERTO, José. *“Futebol: A dor de uma paixão”*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SALDANHA, João. *“Meus amigos”*. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.

SOUZA, Jessé. *“Niklas Luhmann, Marcelo Neves e o 'culturalismo cibernético' da moderna teoria sistêmica”* em *“DOSSIÊ Niklas Luhmann”*

(Org. DUTRA, R. e BACHUR, J. P.), Belo Horizonte, Editora UFMG: 2013.

SOUZA, Jessé. *“A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive”*. São Paulo: Contracorrente, 2017.

SOUZA, Jessé e Ö ELZE, Ber thold. *“Simmel e a modernidade”*. Brasília: UnB, 1998.

STICHWEH, Rudolf; WINDOLF, Paul (Org.). *“Inklusion und Exklusion: Analysen zur Sozialstruktur und sozialer Ungleichheit”*. Wiesbaden: VS Verlag. 2009.

TANGEN, J. O. *“Sport - A Social System? A Sociological Attempt to Define Sport”*. Mexico, System, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. *“A análise dos sistemas-mundo como movimento do saber”*. Em: Vieira, P. A., Lima Vieira, R., & Filomeno, F. A. (Org.). *“O Brasil e o capitalismo histórico:*

passado e presente na análise dos sistemas-mundo". São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

WEBER, Max. "*Classe, estamento e partido*". In WEBER. M. "*Ensaio de sociologia*". Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

WEBER, Max. (1921[1999]) "*Economia e Sociedade*". Brasília: Editora da UNB. Capítulo III "Os Tipos de Dominação": 139-188.

O autor



Foto: César Ferreira

Nascido no dia 23 de junho de 1981 em Campos dos Goytacazes-RJ, Wesley Barbosa Machado é Jornalista, Blogueiro, Escritor e Compositor. Torcedor do Botafogo do Rio de Janeiro, do Roxinho de Campos dos Goytacazes-RJ e do Arsenal da Inglaterra. Co-Autor do Livro de Crônicas do Botafogo, "A Magia do 7" (Editora Livros Ilimitados, 2011) e Autor dos Livros "Saudosas Pelejas: A História Centenária do Campos Athletic Association" (Edição do Autor, 2012) e "Botafogo, Roxinho e

Outros Textos Sobre Futebol" (Edição do Autor, 2020). Autor das Músicas sobre Futebol: "Oração do Futebol", "Samba do Senta" e "Gol do Maurício"; e do Hino do Roxinho. Criador e Administrador dos Projetos Campos OnLine (@campos.online no Instagram); Campos de Bola (@camposdebola no Instagram); Bola Carioca (@bolacarioca no Instagram e /bolacarioca2020 no Facebook), Coleção Botafogo (/colecaobotafogo no Facebook); Blog Campos Fichas Técnicas (camposfichastecnicas.blogspot.com.br); Blog Pérolas Futebol e Causos (perolasfc.blogspot.com.br); e Blog Estrela Solitária no Coração (estrelasolitarianocoracao.blogspot.com). Fundador, Autor e Editor do Site Viva La Resenha (vivalaresenha.wordpress.com). Produtor do Podcast Camisa Oito (Twitter Spotify, SoundCloud, etc...). Colunista do Portal Ludopédio.